

LEONOR LOURO DE FREITAS

***BELA, RECATADA E “DO LAR”*: MOVÊNCIA DE SENTIDOS EM RELAÇÕES DE
PARAFRASAGEM HISTÓRICO-DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof^a Dr^a. Ercília Ana Cazarin

PELOTAS, RS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F866b Freitas, Leonor Louro de
Bela, recatada e do “lar”: movência de sentidos em relações de
parafra­sa­gem histórico-discursiva. / Leonor Louro de Freitas. – Pelotas:
UCPEL, 2017.

91 f.
Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas, Mestrado em
Letras, Pelotas, BR-RS, 2017. Orientadora: Ercília Ana Cazarin.

1. discurso. 2. bela, recatada e do “lar”. 3. paráfrase. 4. repetição. 5. sentido
I. Cazarin, Ercília Ana, or. II. Título.

CDD 401.41

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Cristiane de Freitas Chim CRB 10/1233

LEONOR LOURO DE FREITAS

***BELA, RECATADA E “DO LAR”*: MOVÊNCIA DE SENTIDOS EM RELAÇÕES DE
PARAFRASAGEM HISTÓRICO-DISCURSIVA**

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Mariliei Resmini Grantham – FURG

Prof^ª. Dr^ª. Aracy Ernst – UCPEL

Prof^ª. Dr^ª. Ercília Ana Cazarin – UCPEL – Orientadora

Pelotas, 30 de novembro de 2017.

DEDICO ESTA DISSERTAÇÃO

À MEMÓRIA DE MINHA MÃE,

que sempre acreditou em mim, porém não teve a oportunidade de acompanhar este meu sonho, pois uma doença a levou de nossa família antes de meu ingresso no curso de Mestrado. Mesmo assim, durante todo desenvolvimento desta pesquisa, senti sua presença e foi isso que me deu força e acalentou meu coração nos momentos mais difíceis. Mãezinha, sei que te sentirias orgulhosa de mim novamente e saibas que faltará apenas uma coisa para que minha alegria se torne completa neste momento tão especial: seu abraço.

À MINHA FILHA, LUÍZA,

que senti minha falta durante este período que precisei dedicar-me às leituras e à pesquisa. Mas o que me consola é saber que minha ausência não foi em vão e que de alguma maneira posso servir de inspiração e como exemplo de que não podemos desistir nunca de nossos sonhos, porque indo à luta ele se realizará.

A MEU MARIDO, HAMILTON,

que sempre me incentivou em tudo que faço, e não foi diferente em relação ao curso de Mestrado. Sempre se mostrou orgulhoso de minhas vitórias e deu-me força necessária nos momentos em que quase fraquejei. Suas palavras, sempre ditas nos momentos certos, foram fundamentais para que eu me sentisse confiante e seguisse em frente. Te amo, minha vida, que Deus te abençoe e que saibas que sem teu apoio talvez eu não tivesse conseguido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Ercília Ana Cazarin por ter acreditado em mim mesmo antes de ser sua orientanda, que me incentivou a ingressar no curso de Mestrado e que tem sido mais do que uma orientadora, tornando-se uma querida amiga.

À amiga Andrêssa dos Santos Galvão que, durante todo este percurso, dividiu comigo muito mais do que dúvidas e alegrias e, por isso, agradeço sua presença, seus conselhos, seus puxões de orelha e sua amizade.

Aos colegas Tiago de Mattos Cardoso e Rafael Augusto Troina, por terem visto meu potencial, acreditado em mim e me incentivado a fazer a especialização na Furg na área de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, sendo fundamental para meu ingresso no curso de Mestrado.

Aos demais familiares e amigos que, de uma forma ou de outra, contribuíram comigo com seu apoio e palavras que me estimularam a prosseguir, meu eterno obrigada.

À Universidade Católica de Pelotas, pela oportunidade e por disponibilizar os excelentes professores com os quais tive o privilégio de aprender além dos conteúdos, pois sinto-me uma profissional melhor preparada. Agradeço também à Capes, pela bolsa de estudos que me possibilitou realizar essa pesquisa de forma mais tranquila.

*Queriam que ela
fosse do lar,
mas ela era do ler,
com essa liberdade,
ela era de onde quisesse ser.*

Allê Barbosa

RESUMO

Esta dissertação analisa a repetição do enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* em discursos que emergiram após sua publicação na revista *Veja* em 18 de abril de 2016. A partir dessas repetições, realiza-se um estudo a fim de se chegar aos possíveis efeitos de sentido de alguns enunciados (re)produzidos e, dessa forma, observar a manutenção, o deslizamento e o deslocamento de sentido, as posições-sujeito e a formação discursiva (FD) em que se encontram inscritos. Desse modo, busca-se na teoria da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana o suporte necessário que fundamenta a análise do *corpus* discursivo. Para tal, mobiliza, além dos conceitos basilares da AD, as noções de repetição e paráfrase, já que o objetivo principal desta pesquisa é examinar o mesmo e o diferente nos enunciados repetidos e (re)significados. O *corpus* apresenta, como materialidades discursivas, *memes* produzidos entre 2016 e 2017 coletados na rede social *Facebook* e no site de buscas *Google*, cujo enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* aparece (re)tomado e (re)formulado.

Palavras-chave: Discurso; Bela, recatada e do lar; Paráfrase; Repetição, Sentido.

RESUMEN

Esta disertación analiza la repetición del enunciado Bela, Recatada y "del Hogar" en discursos que emergieron después de su publicación en la revista Veja el 18 de abril de 2016. A partir de estas repeticiones, se realiza un estudio a fin de llegar a los posibles efectos de sentido de algunos enunciados (re) producidos y, de esa forma, observar el mantenimiento, el deslizamiento y el desplazamiento de sentido, las posiciones-sujeto y la formación discursiva (FD) en la que se inscriben. De ese modo, se busca en la teoría del Análisis de Discurso (AD) de filiación pecheuxtiana el soporte necesario que fundamenta el análisis del corpus discursivo. Para ello, moviliza, además de los conceptos básicos de la AD, las nociones de repetición y paráfrasis, ya que el objetivo principal de esta investigación es examinar lo mismo y lo diferente en los enunciados repetidos y (re) significados. El corpus presenta, como materialidades discursivas, memes producidos entre 2016 y 2017 recogidos en la red social Facebook y en el sitio de búsquedas Google, cuyo enunciado Bela, Recatada y "del Hogar" aparece (re) tomado y (re) formulado.

Palabras clave: Discurso; Bella, recatada y del hogar; Paráfrase; Repetición, Sentido.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAD – Análise Automática do Discurso

AD – Análise de Discurso

CP – Condições de produção

FD – Formação discursiva

FI – Formação ideológica

SDR – Sequência discursiva de referência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ANÁLISE DE DISCURSO: CONCEITOS BASILARES	14
1.1 Texto e discurso	14
1.1.1 O enunciado tomado como texto	17
1.2 Sujeito, sentido e (gesto de) interpretação	18
1.3 Formação ideológica, formação discursiva e posição-sujeito	22
1.4 Interdiscurso, intradiscurso e memória discursiva	25
1.4.1 Pré-construído e discurso transversal	29
2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	32
2.1 Condições de produção na AD	32
2.2 Condições de produção do enunciado Bela, Recatada e “do Lar”	33
3 BELA, RECATADA E “DO LAR” E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA FIGURA DE PRIMEIRA-DAMA	35
3.1 Formação imaginária	35
3.2 O imaginário que perpassa a figura da primeira-dama	38
4 PARÁFRASE(S): REPETIÇÃO DO MESMO?	42
5 CORPUS E METODOLOGIA	45
5.1 Preparando a análise	45
5.2 Aspectos metodológicos	46
6 DANDO INÍCIO À ANÁLISE DO CORPUS DISCURSIVO	50
6.1 Analisando a SDR – Bela, Recatada e “do Lar”	50

6.2 RECORTE 1: Paráfrase intradiscursiva e a manutenção do sentido	
Aliança na FD1	54
6.3 RECORTE 2: Paráfrase discursiva e o deslizamento de sentido	
Conflito na FD1	60
6.4 RECORTE 3 – Paráfrase interdiscursiva e o deslocamento de sentido	
Confronto entre FD1 e FD2	64
6.4.1 Sub-recorte 1 – A denúncia da corrupção pelo viés da ironia	66
6.4.2 Sub-recorte 2 – Mulheres 'femininas' e independentes	68
6.4.3 Sub-recorte 3 – Mulheres feministas e empoderadas	73
6.4.4 Sub-recorte 4 – Mulheres que vão à 'luta!'	76
7 PRODUZINDO O EFEITO DE FECHAMENTO	83
8 REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

Através desta pesquisa, buscamos analisar o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*, publicação veiculada na revista *Veja*, no dia 18 de abril de 2016, intitulado uma matéria sobre Marcela Tedeschi Araújo Temer¹, esposa de Michel Miguel Elias Temer Lulia², na época, vice-presidente do Brasil. Tal enunciado tomou grande proporção, tendo seu emprego disseminado, passando a circular nas redes sociais em diferentes materialidades discursivas, ora como forma de reafirmar e manter o sentido produzido por ele, ora produzindo distintos efeitos de sentido. Para isso, construímos uma reflexão identificada com a Análise de Discurso³ de filiação pecheuxtiana e, desse modo, propusemo-nos a observar o funcionamento desse enunciado na dimensão do discurso, justamente por este se apresentar, de acordo com Orlandi (1994, p. 53), “como o lugar específico em que podemos observar a relação entre linguagem e ideologia.” Essa teoria considera que o discurso não é uma simples transmissão de informações, mas efeito de sentido entre interlocutores e que, nesse processo, estão envolvidas formas de identificação do sujeito, argumentação, subjetivação, construção da realidade. Sendo assim, nesse processo de interlocução entre sujeitos, consideramos a ideologia determinando a relação que há entre o sujeito, a linguagem e o mundo, pois em toda e qualquer manifestação do sujeito, a ideologia constitui no seu dizer, embora ele não se dê conta disso; são os efeitos da ideologia que o levam a identificar-se com uma ou outra formação discursiva⁴. Dessa forma, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos e é isso que explica que, mesmo o sistema da língua sendo igual para todos, produzam-se diferentes discursos. A língua, assim, é a base de processos discursivos diferentes.

Nossa investigação está centrada no modo como esse enunciado, ao ser repetido, parafraseado, produz sentido e que, ao produzir um sentido e não outro, tem sua inscrição em uma formação discursiva (FD) e não em outra. Desse modo, os sentidos – ao migrarem – se (re)significam, passando a ser determinados ideologicamente de uma ou de outra forma, ou seja, os enunciados adquirem sentido no âmbito da FD em que os sujeitos estão inscritos. Em AD, o sentido não está nas palavras, e sim no batimento entre o enunciado e o sujeito e, nessa perspectiva, o sentido também depende de quem as emprega, levando em conta, dentre outras

¹ Marcela Tedeschi Araújo Temer será tratada no decorrer da pesquisa por Marcela Temer ou Marcela.

² Michel Miguel Elias Temer Lulia será tratado no decorrer da pesquisa por Michel Temer ou Temer.

³ Nesta pesquisa, Análise de Discurso será referida também como AD.

⁴ Nesta pesquisa, Formação Discursiva será referida também como FD.

coisas, as condições em que são produzidas.

No entanto, para fins de desenvolvimento da pesquisa, tratamos também de outros conceitos basilares⁵ da AD, entre eles, a noção de sujeito que - diferentemente da Linguística, que o trata apenas como uma posição na estrutura da frase - é resultado da relação entre a linguagem e a história, é constituído a partir da relação com o outro, não sendo fonte única do sentido nem origem do que diz.

Além da noção de sujeito, também abordamos, no decorrer da pesquisa, as de posição-sujeito, FD, interdiscurso, memória discursiva e condições de produção por considerarmos fundamentais para toda e qualquer análise realizada pelo viés da AD. Do mesmo modo, tratamos do processo de repetição do discurso, visto que há a presença de processos parafrásticos que se dão de forma distinta e, assim, produzem o mesmo e o diferente em relação ao efeito de sentido (re)produzido pelos discursos. E a abordagem de tal tema ainda contou com a noção de formação imaginária, que se justifica nesta pesquisa por trazer para o âmbito dos estudos da linguagem uma reflexão a respeito da construção do imaginário da figura de primeira-dama; para além disso, reforçar a concepção de que os discursos, ao serem repetidos, (re)produzidos, (re)significados sofrem movência no sentido.

Com relação à metodologia, destacamos que a AD é uma teoria que demanda um constante ir e vir entre a teoria e a análise. Dessa forma, o analista precisa criar uma metodologia que o possibilite descrever e sustentar adequadamente suas análises. Isto posto, para análise do *corpus* discursivo, procuramos examinar as ressonâncias de sentido produzidas pela retomada do enunciado em diferentes textos⁶, sendo estes a materialização de diferentes discursos. Para isso, tratamos esse enunciado, que sob a ótica da AD é como texto possibilitador da chegada ao discurso, como uma sequência discursiva de referência (SDR), noção formulada por Courtine (2009) e definida como ponto de referência a partir do qual o conjunto dos elementos do *corpus* recebe sua organização. Assim, a partir da SDR *Bela, Recatada e “do Lar”*, examinamos as repetições desse enunciado considerando as marcas deixadas nos discursos, que nos possibilitaram, a partir das análises, associá-las à classificação da paráfrase desenvolvida por Grantham (2009), cuja divisão se dá através da paráfrase intradiscursiva, discursiva ou interdiscursiva, e a que FD estão inscritas (se na mesma da SDR ou em outra). Sendo assim, os discursos (re)produzidos foram dispostos em recortes

⁵ Conceitos basilares: são compreendidas por nós nesta pesquisa como as noções de sujeito, posição-sujeito, discurso, interpretação, sentido, formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva, intradiscurso e condições de produção, noções estas que consideramos essenciais para qualquer análise realizada pelo viés da AD.

⁶ Texto nesta análise deve ser compreendido como uma unidade que o analista tem diante de si e da qual ele parte e, dessa forma, o remete “imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura”. (Orlandi, 2015, p. 61). Mais sobre ele será tratado no tópico 1.1 desta pesquisa.

e sub-recortes de acordo com a produção de sentido (manutenção, deslizamento ou deslocamento) e também da tomada de posição dos sujeitos que os reproduziram (identificação, contraidentificação). Dessa forma, este trabalho procura desfazer as aparentes evidências deixadas no discurso pelo sujeito que o produziu - também interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente - e assim mostrar que através da relação de parafraseagem histórico-discursiva instaura-se a movência de sentidos.

1 ANÁLISE DE DISCURSO: CONCEITOS BASILARES

1.1 Texto e discurso

Neste tópico daremos atenção às noções de texto e discurso na perspectiva teórica da AD. Sendo assim, nos embasamos primeiramente em Pêcheux (1997, p. 82), cujo discurso é “efeito de sentido entre locutores”, que realizam o processo de significação ao mesmo tempo, e não separados (no qual um fala e o outro decodifica), e também que nesse processo estão envolvidas formas de subjetivação e de identificação do sujeito. Depreendemos, então, que na perspectiva da AD, o significado de discurso distancia-se do tradicional esquema “emissor, receptor, código, referente e mensagem”, pois esta teoria concebe o discurso não como uma simples transmissão de informações. De acordo com Orlandi,

não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produções de sentidos e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2015, p. 19)

Na perspectiva de Orlandi (1987, p. 157-159), o conceito de discurso é o da linguagem em interação; aquele em que se concebe a linguagem em relação às suas condições de produção, ou seja, é aquele em que se considera que a relação estabelecida pelos interlocutores – assim como o contexto – são constitutivos da significação de que se diz. Dessa forma, a autora destaca que o discurso é então lugar social. Ela aponta também que a unidade de análise do discurso é o texto, já este é a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua realização, sendo uma unidade de análise não formal, mas pragmática. Em AD, o que define o texto não é sua extensão, palavra ou conjunto de frases, e sim o fato de ele ser uma unidade de significação em relação à situação. Segundo Orlandi,

pensando-se o texto no processo da interação, podemos tomá-lo como o centro comum, a unidade que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte. Em termos de interação, portanto, podemos dizer que o domínio de cada um dos interlocutores, em si, é parcial e só tem a unidade no/do texto. Essa unidade – o texto – é unidade do processo de significação, é totalidade da qual se parte na análise da estruturação do discurso. (ORLANDI, 1987, p. 157-159)

Assim, também considerando o texto no processo de interlocução, Grantham aponta que

podemos tomá-lo como o centro comum, a unidade que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, entre autor e leitor. Dessa forma, a unidade do

diálogo é a do texto, isto é, não só da ordem de um dos interlocutores ou do outro, mas é interação; em outras palavras, a autora destaca que todo texto supõe uma relação dialógica e constitui-se pela ação dos interlocutores. (GRANTHAM, 2009, p, 27)

Dessa forma, quando nessa teoria pensamos em discurso, devemos levar em consideração que, nesse processo de interlocução entre sujeitos, existe a relação entre sujeito, linguagem/pensamento e mundo, determinada pela ideologia, tendo presente que chegaremos ao discurso a partir do texto e, por outro lado, o texto só é texto porque tem um discurso que o sustenta. É através do discurso que temos acesso à relação que existe entre língua e ideologia e, por outro lado, é pela língua que o discurso se materializa. Assim, compreendemos que, conforme nos aponta Orlandi (2015, p. 15), a materialidade da ideologia é o discurso, da mesma forma que a materialidade do discurso é o texto. Em AD, o discurso é compreendido como objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. Daí a diferença entre discurso e fala e, conforme nos esclarece Orlandi,

não se deve confundir discurso com “fala” na continuidade da dicotomia (língua/fala) proposta por F. de Saussure. O discurso não corresponde à noção de fala, pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo, o processo ao produto. (ORLANDI, 2015, p. 20)

É pelo texto que o discurso se materializa, já que sua unidade da análise é o texto. O texto em AD não é apenas um objeto empírico, a preocupação maior não é com o começo, meio e fim, não há essa ideia de completude; ele é tratado como discurso e, dessa maneira, reinstaura-se a incompletude, que deve ser compreendida aqui em relação a algo que não se fecha, pois nessa acepção, nem o sujeito, nem o discurso e nem os sentidos são completos. Conforme aponta a autora,

dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso, a memória do dizer). (ORLANDI, 1996, p. 54)

Sendo assim, para a AD, o texto é visto como uma unidade significativa. Isso ocorre porque essa teoria concebe o texto com textualidade, ou seja, tem de haver relação do texto consigo mesmo

e com a exterioridade e, de acordo com Orlandi (2010, p. 22), “É pensando a relação do texto com sua exterioridade que podemos pensar não a função do texto, mas seu funcionamento”. Para ela,

o texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade. (ORLANDI, 2015, p. 67)

Assim, o interesse da AD está em compreender como o texto funciona, como produz sentido, sendo ele concebido como objeto linguístico-histórico, e para isso vale-se da historicidade, que nessa teoria distancia-se da noção de história relacionada à linguagem como uma dimensão temporal expressa cronologicamente, mas, segundo nos aponta Orlandi, como “os meandros do texto, o seu acontecimento como discurso, seu funcionamento, o trabalho dos sentidos nele”.

Ao analisarmos a historicidade do texto, buscamos compreendê-lo em sua discursividade, como produz sentido, daí considerarmos sua temporalidade, compreendida como uma relação com a exterioridade tal como ela se inscreve no próprio texto e não como algo fora dele. Sabemos que a história, nessa concepção, poderá intervir, mas não o fará de forma direta, nem se dará termo a termo, já que também são consideradas nesse processo as condições de produção do discurso conjuntamente com sua exterioridade. Tratar o texto como heterogêneo significa dizer que ele é disperso - já que não estão todos no mesmo conjunto, estão dispersos no interdiscurso - tanto em relação ao sujeito (ou melhor, à posição-sujeito), quanto ao sentido; e também quando se trata da(s) FD(s). Nessa perspectiva, a FD é heterogênea porque comporta diferentes posições-sujeito. De acordo com Orlandi,

um texto pode ser – e na maioria das vezes efetivamente o é - atravessado por várias formações discursivas. É a isto que chamo heterogeneidade do discurso. Discursivamente, portanto, um texto não é homogêneo. Essas diferentes formações que o atravessam correspondem a diferentes posições-sujeito no discurso que aí se representam. (ORLANDI, 2010, p. 23)

Dessa maneira, é possível depreender que um texto não corresponde a uma só FD e conseqüentemente essa heterogeneidade presente em cada um dos textos selecionados pelo analista produzirá efeitos de sentidos diferentes, e isso deverá ser levado em conta por ele ao se deparar com uma multiplicidade de textos/materialidades de que se valerá para suas análises. Como mencionado anteriormente, o texto para a AD não é uma unidade fechada, e sim, uma unidade de análise que é afetada pelas condições de produção, é o lugar em que a língua(gem) se materializa, é a unidade pela qual temos acesso ao discurso.

Assim, segundo Orlandi,

como todo objeto simbólico, o texto é objeto de interpretação. Para a AD esta sua qualidade é crucial. É sua tarefa compreender como ele produz sentido e isto implica compreender tanto como os sentidos estão nele quanto como ele pode ser lido. Esta dimensão, eu diria ambígua, da historicidade do texto, mostra que o analista não toma o texto como ponto de partida absoluto (dada a relação de sentidos) nem como ponto de chegada. (ORLANDI, 1996, p. 61)

A “leitura” de um texto caberá a cada sujeito-leitor, já que há diferentes gestos⁷ de interpretação possível. Por sua vez, o texto já é uma interpretação e, mesmo que o sentido possa ser outro, não poderá ser qualquer um, porque não se pode ler o que o texto não nos permite - é a ideologia que vai direcionar tal interpretação.

1.1.1 O enunciado tomado como texto

A noção de enunciado abordada neste trabalho é sob a ótica da AD, sendo assim, o enunciado será tomado como texto - unidade de análise do discurso. Como recém-visto, há diferença entre as noções de texto e discurso, pois, embora seja o discurso o objeto de estudo da AD, é através do(s) texto(s) que chegaremos a ele. E, sendo assim, consideramos o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*, objeto de nossa análise, como texto possibilitador da chegada ao discurso.

Na obra *O discurso: estrutura ou acontecimento?*, Pêcheux (1990, p. 53) ressalta que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Isso se dá porque o autor considera o enunciado como acontecimento, mas também como estrutura e estabelece uma relação entre descrição e interpretação. Como estrutura porque é através da língua que o enunciado, para nós, texto, se materializa; como acontecimento pelo fato de que o enunciado não é independente, estabelece relações com outros e, para fazer sentido, tem que haver essa inter-relação, visto que um mesmo enunciado pode produzir (ou não) sentidos distintos, já que pode fazer parte de diversas situações que admitirão sentidos diferentes. Para este autor (1990, p. 53), “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso”.

De acordo com Orlandi (2015, p. 68), “o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão de sujeitos. O sujeito se subjetiva de maneiras diferentes ao longo de um texto. Há pontos

⁷ “Gesto” deve nesta pesquisa ser compreendido, conforme nos aponta Pêcheux (1969), como “um ato no nível simbólico”.

de subjetivação ao longo de toda a textualidade”.

Dessa maneira, é possível depreendermos que, na dispersão de textos que constituem um discurso, a relação com as formações discursivas é fundamental, assim como os enunciados que, segundo Orlandi (2015, p. 69), “também fazem parte deste discurso e se constituem relativamente às coerções da formação em que se inscrevem”. Torna-se importante recordarmos que, a partir desse enunciado, diversas (re)produções discursivas emergiram, principalmente nas redes sociais, que acabaram por revelar a ideologia dos sujeitos envolvidos e sua inscrição em uma formação discursiva específica. Assim, e conforme Cazarin (2011), “precisamos remeter o(s) texto(s) a um discurso que, por sua vez, vai fazer referência a uma formação discursiva, inscrita na complexidade do interdiscurso”. Conforme já visto, o sentido não está vinculado às palavras, dessa forma, o que então terá importância para a AD é o sentido que determinado enunciado produzirá numa dada FD.

Para esta pesquisa, o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* teve, de início, sua referência ligada à primeira-dama Marcela Temer, cuja publicação veiculada na revista *Veja*, no dia 18 de abril de 2016, intitulou uma matéria sobre a esposa do atual presidente do Brasil Michel Temer (vice à época). Tal enunciado tomou grande proporção, tendo seu emprego disseminado, passando a circular nas redes sociais em diferentes materialidades discursivas, produzindo distintos efeitos de sentido. Assim, através dele, buscamos compreender também como se constrói o imaginário da figura de primeira-dama, bem como outros enunciados que se contrapõem a esse imaginário, materialidades das quais nos ocupamos em nosso trabalho.

1.2. Sujeito, sentido e (gesto de) interpretação

A noção de sujeito em AD não trata do sujeito físico, mas sim do sujeito que se constitui por uma interpelação, ou seja, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer e, dessa forma, inaugura-se a discursividade. De acordo com Pêcheux (1995, p. 161), “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Sabemos que a linguagem é resultado das relações estabelecidas entre sujeitos e sentidos, e que tais relações geram múltiplos efeitos, assim, segundo a definição do autor, o discurso é tido como esse “efeito de sentidos entre locutores”.

Essa interpelação traz, segundo Orlandi (2015, p. 46), “o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz”. Assim, e ainda de acordo com a autora, o sujeito

é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se)produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 2015, p. 46)

Dessa forma, compreendemos então que o sujeito age interpelado pela ideologia, porém tem a ilusão de ser a origem do seu discurso. Conforme Indursky (2008, p. 11), “o sujeito é interpelado ideologicamente, mas não sabe disso e suas práticas discursivas se instauram sob a ilusão de que ele é a origem de seu dizer e domina perfeitamente o que tem a dizer”.

A consideração do sujeito da AD nos permite citar novamente Indursky (1999, p. 70-71), quando ela afirma que o sujeito “é, desde as formulações inaugurais, um sujeito social” e também que “a constituição do sujeito da análise do discurso articula fortemente o social (relação com a História) e o inconsciente (a relação com o dizer do outro)” ou seja, “o sujeito da análise do discurso é duplamente afetado: em seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente, e em seu funcionamento social, pela ideologia”.

E como se dá o sentido? O sentido, em AD, é visto como resultado de um processo de interação entre locutores, levando-se juntamente em conta determinantes sociais e históricos que o constroem e é por isso que um texto/discurso pode apresentar distintos sentidos. Segundo Pêcheux (1995, p. 160), “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc. não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significado)”, e complementa afirmando que o sentido “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”.

Dessa forma, ao admitir que as palavras não têm um sentido que lhes seja próprio, o autor reafirma a ideia da não literalidade, já que o efeito de sentido é resultado da interação entre os sujeitos, estando os mesmos interpelados pela ideologia e, dessa forma, não é compreensível que haja uma leitura objetiva.

Assim, é possível deprendermos então que o sentido não está nas palavras e que a linguagem não é transparente, sequer literal. Conforme destaca Orlandi (1996, p. 27), “o sentido não está já fixado *a priori* como essência das palavras, nem tão pouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica”.

Vale reforçar que o sentido não está somente nas palavras/expressões ou nos textos, mas na relação que os dizeres estabelecem com a exterioridade e com as condições de produção. Além disso, devemos considerar os sentidos produzidos pelos ditos e também pelos não-ditos que margeiam o texto.

Entendemos que o sentido não é independente da linguagem, o sentido é, conforme Orlandi

(2015, p. 23), “definido não como algo em si, mas com *relação a*”, ou seja, efeito do encontro ideológico entre o dito e o não-dito, e que significa porque está inscrito na história e, através do pré-construído, ressoa no discurso do sujeito. Desse modo, segundo a autora (2015, p. 28), “os sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi”.

Estando o indivíduo fadado à interpretação (sempre regida por condições de produção específicas), nesse movimento de interpretar, o sentido aparece como evidente e universal. E isso ocorre, segundo Orlandi (1994, p. 56-57), porque “ao dizer, interpreta-se, mas nega-se, no entanto, a interpretação e suas condições no momento mesmo em que ela se dá, e se tem a impressão do sentido que se 'reconhece', já lá. Esse é o efeito da literalidade”.

De acordo com o que nos diz Orlandi,

a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos. (ORLANDI, 1996, p. 9)

Em AD, a importância do texto não está no que ele trata/diz, e sim, em como produz sentidos, como está investido de significados para e por sujeitos. Nessa perspectiva, Orlandi aponta que

compreender é saber como um objeto simbólico produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta, já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem. (ORLANDI, 2015, p. 24)

Assim, o gesto de interpretação é resultado da relação daquilo que se lê com os sentidos já dados, sendo que esses sentidos já se encontram fixados prévia e ideologicamente. Diferente do leitor, o gesto interpretativo do analista compreenderá os dispositivos teórico (a própria teoria) e analítico (aspectos da teoria mobilizados pelo analista em sua análise) e estará voltado à sua análise, que, segundo Orlandi (2015, p. 25), nunca será “igual à outra porque mobiliza conceitos diferentes”.

Para a autora, a distinção entre esses dispositivos está em que, no dispositivo analítico, “estamos pensando no dispositivo teórico já 'individualizado' pelo analista em uma análise específica”, e esse é um dos motivos pelo qual o resultado de análise de uma mesma materialidade ocorre de forma distinta, pois dependerá das noções mobilizadas pelo analista, assim como sua finalidade da análise. Assim, depreende-se então que o dispositivo teórico, apesar de abarcar o dispositivo analítico, é sempre o mesmo, ao passo que o dispositivo analítico será construído pelo

analista em cada uma de suas análises.

É através do discurso - materialidade da língua e do pensamento - que o analista chegará às marcas linguísticas que sustentarão suas análises e seu(s) gesto(s) interpretativo(s), na AD considerados como “atos no domínio simbólico”. Ainda de acordo com Orlandi,

a Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há verdade atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2015, p. 24)

Em relação à citação acima, quando Orlandi escreve que “...Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico...”, entendemos que quando se refere a método, na verdade, está a se referir ao fato de que é o analista que constrói um dispositivo metodológico – não há um método pronto. O analista é que precisa construir uma metodologia que seja capaz de sustentar suas análises. Por outro lado, interessa frisar que a AD trabalha com o texto enquanto materialidade linguística, levando em conta a ideologia como constitutiva do mesmo; e dessa forma, o texto é visto como tendo materialidade simbólica própria e significativa.

Assim, o que interessa à AD é como o texto significa, como o sentido se constrói, quais os determinantes sociais e históricos que constroem os efeitos de sentido produzidos pelo(s) texto(s). Isso porque não existe um sentido que seja único e prévio, ele se dá na relação historicamente estabelecida entre sujeito e língua, levando sempre em conta as condições de produção do(s) texto(s)/discurso(s) - sujeito e sentido se constituem concomitantemente.

Para Orlandi (1996, p. 14), “o texto é um bólido de sentidos. Ele 'parte' em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes”. Mas não é porque ele é múltiplo que poderá ter qualquer gesto de interpretação, tem que haver uma ligação dele com a sua exterioridade. Orlandi explica que “nas diferentes direções significativas que um texto pode tomar há, no entanto, um regime de necessidade que ele obedece”. Segundo a autora, “é a ideologia que produz o efeito da evidência e da unidade, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos como 'naturais”.

E, através do ideológico, buscam-se os processos discursivos em que ideologia e linguagem se constituem de forma a produzir sentidos. Ainda conforme a autora, a ideologia

é interpretação de sentidos em certa direção, determinada pela relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários. Ela não é, pois, ocultação, mas função necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem, no sentido da refração, no efeito (imaginário) necessário de um sobre o outro. (ORLANDI, 1994, p. 57)

No decorrer da pesquisa, veremos que a reflexão sobre o sentido, a partir do que nos apontam Michel Pêcheux e Catherine Fuchs - em sua obra *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva* (1975[1995]) -, está relacionada às relações de parafraseagem que as diferentes expressões, palavras e enunciados mantêm entre si no interior de uma matriz de sentido que organiza no âmbito de uma FD. Essa relação torna-se fundamental, pois a palavra só produzirá sentido no interior da FD.

1.3. Formação discursiva, formação ideológica e posição-sujeito

Ao darmos início à abordagem sobre a FD, destacamos que há distinção dessa noção entre Foucault e Pêcheux. Para Foucault, o conceito de formação discursiva está desenvolvido, principalmente em sua obra *Arqueologia do Saber*, publicada em 1969. De acordo com esse autor, os discursos são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade *a priori*, são dispersões. Dessa forma, para ele,

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43)

Sendo assim, segundo Foucault, quando estivermos diante de um certo número de enunciados que mantenham entre si uma certa regularidade, estaremos diante de uma FD. Dessa forma, se a regularidade dos enunciados é definida pela FD, o discurso é constituído, então, por um conjunto de enunciados presentes em uma mesma FD. Vale ressaltar que este autor estabelece uma relação de equivalência quando aponta que o enunciado pertence à FD, assim como a frase pertence ao texto. Desse modo, ele concebe o discurso como dispersão, e a FD como definidora do tipo de discurso, ou seja, para Foucault (2008, p. 132-133), o discurso é “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva, (...) é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de existência”.

Para ele, as relações discursivas não são internas, nem exteriores ao discurso, elas estão, de algum modo,

no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes (pois essa imagem da oferta supõe que os objetos sejam formados de um lado e o discurso, do outro), determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-

los, classificá-los, explicá-los etc. Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática. (FOUCAULT, 2008, p. 52-53)

Assim, depreendemos que Foucault compreende o discurso enquanto prática e entende a prática discursiva como (2008, p. 133) “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”.

Já Pêcheux, em diversas obras, afirma que o conceito de formação discursiva com que trabalha é “emprestado” de Foucault, mas apenas em parte, pois Foucault estabelecia as relações entre os dizeres e os fazeres, não trabalhava com as questões de luta de classes e ideologia na mesma perspectiva do marxismo. Assim, Pêcheux, em sua teoria do discurso, baseou-se na concepção de ideologia de Althusser (1985, p. 82), a qual aponta que “a ideologia expressa sempre, qualquer que seja sua forma (religiosa, moral, jurídica, política), posições de classe”. Vale ressaltar que Althusser faz uma releitura de Marx no que tange à questão da ideologia.

Na obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*, Althusser aborda, em vários momentos, sobre ideologia e em um deles destaca que (1985, p. 89) “cada aparelho ideológico do Estado era a realização de uma ideologia (unidade destas diferentes ideologias regionais – religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc. sendo assegurada por sua subordinação à ideologia dominante)”. Desse modo, depreende-se então que, em uma sociedade dominante, há ideologias dominantes e, da mesma forma, ideologias dominadas e, para que houvesse tal dominação, entravam em ação tanto os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE), representados pela polícia, pela Justiça, pelo Exército; quanto os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), ou seja, Igreja, família, escola. Mas, apesar de os AIE não serem a expressão da dominação da ideologia da classe dominante, era o lugar e o meio de sua realização.

Pêcheux, ao trazer para a AD a noção de formação discursiva, acrescenta a noção de ideologia ausente em Foucault. Ou seja, a distinção dessa noção se dá quando Pêcheux (re)significa a noção de FD de Foucault, considerando entre outras coisas, a ideologia. Desse modo, a noção de formação discursiva apontada por Pêcheux em sua obra *Semântica e Discurso* pode ser compreendida como

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 160)

De acordo com Althusser (1985, p. 93), “só há prática através de e sob uma ideologia; só há

ideologia pelo sujeito e para o sujeito”. Dessa forma, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, ou seja, tal interpelação se efetiva pela identificação da posição-sujeito com a FD que o domina e é isso que explica que, mesmo o sistema da língua sendo igual para todos, produzam-se diferentes discursos. A língua, assim, é a base de processos discursivos diferentes.

A partir do que foi dito, preocupamo-nos em abordar a noção de ideologia em AD a fim de mostrar sua relevante contribuição para a compreensão do discurso. Para isso, partimos da visão de língua para a AD que é vista não como um sistema abstrato, mas como produtora de sentidos, que permite aos sujeitos relacionarem-se com o mundo. Assim, a ideologia aparece como efeito de relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. Nesta medida, a ideologia nos faz assumir posições e, através do nosso discurso, acabamos por revelar nossa posição ideológica. O indivíduo não “escolhe” e “age”, ao contrário, ele age e, dessa forma, podemos compreender qual sua forma de identificação com a ideologia.

Segundo Orlandi (2015, p. 13), “a análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. De fato, vivemos em sociedade e, desse modo, a todo instante, estamos significando e contribuindo para a nossa transformação e da realidade que nos cerca. Ainda de acordo com a autora (2015, p. 43), “um dos pontos fortes da análise de discurso é (re)significar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem”, pois o trabalho da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”.

Assim, a ideologia é então condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Isso ocorre porque a ideologia é constitutiva do saber, não há como pensar a ideologia separada do discurso, pois é através dele que ela se materializa. Tal materialidade se dá na FD, é nela que percebemos a ideologia. Temos, no interior de uma FD, diferentes posições-sujeito que irão ideologicamente se relacionar de maneira distinta com a forma-sujeito que regula os saberes daquela FD específica. Haverá, pois, uma tomada de posição, em se tratando da relação da posição-sujeito com a forma-sujeito (de mesma FD ou de FD antagônica), conforme veremos nas análises.

Dessa maneira, o sujeito, elemento constitutivo da linguagem, subordinado à ordem do inconsciente e da ideologia, assumirá no discurso uma posição que estabelecerá o que pode e deve ser dito (assim como o que não pode e não deve ser dito).

Conforme destaca Cazarin,

os processos discursivos não têm sua origem no sujeito, mas sim na FD com a qual o sujeito se identifica. Daí se poder dizer que o que existe é a forma-sujeito da formação discursiva com a qual diferentes posições de sujeito se relacionam, numa maneira particular, mas social. A forma como determinada posição-sujeito se

relaciona com a forma-sujeito evidencia a dispersão do sujeito e a não homogeneidade da própria FD. Na AD, o sujeito é duplamente interpelado: pela ideologia e pelo inconsciente. (CAZARIN, 1998, p. 40)

As posições-sujeito irão se identificar ou não com a forma-sujeito que regula os saberes da FD. A tomada de posição por parte das posições-sujeito em relação à forma-sujeito da FD se dará de distintas maneiras: pode haver uma identificação muito próxima (porém nunca totalmente plena), uma contraidentificação (divergência/discordância, mas ainda permanecer na FD) ou desidentificação (rompimento com a forma-sujeito da FD e, a partir disso, cria-se ou passa-se a fazer parte de outra FD).

Vale lembrar que em AD uma posição-sujeito é concebida, de acordo com Cazarin (2007, p. 109), “como um constructo teórico que, no processo discursivo, imaginariamente representa o 'lugar' em que os sujeitos estão inscritos na estrutura de uma formação social”. Assim, ao se fragmentar na FD, cada posição-sujeito pode mobilizar distintos saberes, dentre os que são regulados pelo sujeito do saber da referida FD, pois é possível a coexistência de diferentes posições-sujeito no interior de uma mesma FD. Porém, quando isso ocorre, poderá (ou não) resultar em uma contraidentificação da posição-sujeito em relação ao sujeito universal, visto que dependerá do “lugar ocupado” por ela.

Enfim, essas modalidades de tomadas de posição nos reafirmam que a forma-sujeito se fragmenta em diferentes posições-sujeito, atestando tanto a heterogeneidade da FD quanto a sua própria, dessa forma, depreendemos que a forma-sujeito, a posição-sujeito e a própria FD são heterogêneas. Isso é possível porque no interior de uma mesma FD existem vozes dissonantes, que dialogam e podem se aproximar, se cruzar, divergir ou se opor e, dependendo do grau de divergência, podem até romper com o sujeito histórico e, dessa maneira, haver, como citado anteriormente, uma desidentificação. Assim, este espaço para o diferente é também constitutivamente ocupado por outro: o interdiscurso.

1.4. Interdiscurso, intradiscurso e memória discursiva

Neste tópico, em um primeiro momento, vamos tratar de conceituar e relacionar as noções de interdiscurso e intradiscurso.

Para Pêcheux (1995, p. 162), o interdiscurso é o “todo complexo com dominante das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que (...) caracteriza o complexo das formações imaginárias”. O autor acrescenta que

o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente (...) (PÊCHEUX, 1995, p. 162)

Já em se tratando do intradiscurso, Pêcheux (1995, p.166) designa essa noção como sendo “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois; portanto, o conjunto dos fenômenos de 'co-referência' que garantem aquilo que se pode chamar o 'fio do discurso', enquanto discurso de um sujeito)”.

Para Courtine, o interdiscurso de uma FD deve ser pensado

como um processo de *reconfiguração incessante* no qual o saber de uma FD é levado, em razão das posições ideológicas que esta FD representa em uma conjuntura determinada, a incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior de si mesmo, a depois produzir sua redefinição ou volta; a igualmente suscitar a lembrança de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também, eventualmente, a provocar seu apagamento, esquecimento ou mesmo sua denegação. O interdiscurso de uma FD, como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber dessa FD, pode ser apreendido como o que regula o deslocamento de suas fronteiras. (COURTINE, 2014, p. 100)

Com relação ao intradiscurso de uma sequência discursiva, Courtine afirma que,

aparece assim como o lugar em que se realiza a *sequencialização dos elementos do saber*, no qual o desnivelamento interdiscursivo dos enunciados está linearizado, colocado em uma superfície única de formulações articuladas. Essa horizontalização da dimensão vertical de constituição de enunciados é contemporânea da apropriação por um sujeito enunciador, ocupando um lugar determinado no seio de uma FD, dos elementos do saber da FD na enunciação do intradiscurso de uma sequência discursiva, isso em uma situação de enunciação dada. Esse nível de descrição é aquele ao qual habitualmente nos referimos pelas noções de “fio do discurso”, “coerência textual”, “estratégias argumentativas”..., e que suscita análises em termos de correferência, tematização e progressão temática, inferências pressuposicionais, conexões interfrásticas. Ou seja, para o autor, trata-se do lugar onde se manifesta o imaginário no discursivo, isto é, onde o sujeito enunciador é produzido na enunciação como interiorização da exterioridade do enunciável. (COURTINE, 2014, p. 101-102)

Ainda no que tange a essas noções, na visão de Orlandi, o interdiscurso diz respeito ao já-dito e o intradiscurso é o que se está dizendo. A autora, na obra *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* (2015, p. 30), destaca Courtine quando o autor explicita a diferença entre interdiscurso e intradiscurso, considerando a constituição (interdiscurso) representada como um eixo vertical, onde teríamos todos os dizeres já-ditos e esquecidos em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. De outra forma, teríamos o eixo horizontal

(intradiscurso) que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

Nesta mesma perspectiva, para Orlandi (2015, p. 31), “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”. Como se pode depreender então, o interdiscurso refere-se a todos os saberes, e o intradiscurso é o que se está produzindo em determinado momento. Da mesma forma, entendemos necessário também relacionar as noções de interdiscurso e memória discursiva, já que esta autora as toma como equivalentes. Desse modo, conforme Orlandi, a memória, por sua vez,

tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Esse é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. (ORLANDI, 2015, p. 29)

Destacamos que ela afirma ser o interdiscurso “da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer”. Este “esquecimento” de que trata Orlandi é abordado por Pêcheux, que o dividiu em dois tipos, chamando-os de esquecimentos nº 1 (ideológico) e nº 2 (enunciativo). Este autor considerou chamar esquecimento nº 2

ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formulação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada. (PÊCHEUX, 1995, p. 173)

Já em se tratando do esquecimento nº 1, Pêcheux (1995, p. 173) aponta-o como aquele que “dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina”.

Indursky nos traz as noções de interdiscurso e memória discursiva um pouco diferente do que nos aponta Orlandi. De acordo com Indursky (2011, p. 71), “a memória de que se ocupa a AD não é de natureza cognitiva, nem psicologizante. A memória, neste domínio de conhecimento, é social. E é a noção de regularização que dá conta dessa memória”. Mas afinal, como é construída essa memória discursiva regularizada? É construída pela repetibilidade, noção que aponta que os saberes pré-existem ao discurso do sujeito. Segundo ela,

se há repetição é porque há retomada / regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso

revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados. (INDURSKY, 2011, p. 71)

Nesta dissertação, seguimos o que nos aponta Indursky com relação às noções de interdiscurso e memória discursiva, pois compreendemos, assim como esta autora, não haver equivalência entre essas noções. De acordo com essa autora,

o interdiscurso não é dotado de lacunas. Ao contrário. Ele se apresenta totalmente saturado. Esta é a natureza do interdiscurso: reunir todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, já esquecidas. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva. (...) a memória discursiva (...) diz respeito aos enunciados que se inscrevem nas FDs, no interior das quais ele recebe seu sentido (...) isso significa que ela diz respeito não a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas aos sentidos autorizados pela forma-sujeito no âmbito de uma formação discursiva (...) também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados. Ou seja, ao ser refutado um sentido, ele o é também a partir da memória discursiva. (INDURSKY, 2011, p. 86-87)

Assim, é possível depreendermos que Indursky - no que se refere às noções de interdiscurso e memória discursiva - não as toma como equivalentes, já que em sua visão, o interdiscurso é da ordem do memorável (memória do dizer), abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FDs, é memória ampla, totalizante e saturada. Já a memória discursiva é de ordem ideológica, regionalizada, nela encontram-se historicamente regularizados os saberes que podem e devem ser ditos na FD em questão (ou FD específica), da mesma forma os que não podem e não devem ser ditos; é lacunar, esburacada.

Nesta mesma direção trabalha Cazarin, que aponta que (2010, p. 105) “uma posição-sujeito não aciona o todo do interdiscurso, e sim aquilo que ela consegue recuperar em termos de memória discursiva”. Compreendemos a partir dessa citação que tais noções também não são vistas como equivalentes, já que o interdiscurso é tido como o “todo”, ou como a própria autora destaca, “é da ordem do já-dito e pode determinar a configuração de diferentes FDs”, e a memória discursiva, como a “parte mobilizada” pela posição-sujeito em uma dada conjuntura. Destacamos o que nos traz Cazarin a respeito dessas noções:

a memória discursiva é lacunar (pois aí interfere a posição-sujeito que a mobiliza), ao passo que o interdiscurso é saturado de sentidos – tudo está lá. Se nosso entendimento se sustenta, a noção de interdiscurso, então, não poderia ser colocada numa relação de equivalência com a de memória discursiva. (CAZARIN, 2010, p. 106)

Assim, compreendemos então que o interdiscurso constitui o exterior específico de uma FD, é

o espaço onde estão todos os saberes, de todas as FDs e, dessa forma, é lá (no interdiscurso) que os sujeitos buscarão os “dizeres” que farão parte do seu discurso. Com base no que nos aponta Grantham,

o interdiscurso é o lugar no qual se constituem – por um sujeito-falante – produzindo uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada – os objetos de que este sujeito enunciador apropria-se para usar como objetos de seu discurso. É através das articulações entre esses objetos que o sujeito enunciador vai dar coerência a seu propósito na sequência discursiva que enuncia, isto é, no intradiscurso. (GRANTHAM, 1996, p. 18)

Ainda de acordo com essa autora,

é na relação entre o interdiscurso de uma FD e o intradiscurso de uma sequência discursiva que se situam os processos pelos quais o sujeito falante é interpelado – assujeitado em sujeito do seu discurso. Nessas condições, o próprio de toda formação discursiva é dissimular a objetividade material contraditória do interdiscurso, objetividade que reside no fato de que “algo fala” sempre antes, em outro lugar e independentemente, ou seja, no fato de que há sempre um pré-construído. (GRANTHAM, 1996, p. 18-19)

Ao examinarmos o interdiscurso, não podemos deixar de lado o pré-construído e o discurso transversal, noções que veremos a seguir, e que apontam que os dizeres pré-existem ao discurso, ou seja, aquilo que já foi dito em outro lugar atravessa (implícita ou explicitamente) o discurso do sujeito, mesmo que ele não se dê conta disso.

Nesta pesquisa, buscamos analisar os entrelaçamentos entre repetição, memória e sentido(s), levando em conta, dentre outros, o pré-construído, como forma de desfazer as aparentes evidências deixadas no discurso pelo sujeito que o produziu (interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente) e, assim, tentar mostrar que através da relação de parafraseamento histórico-discursiva instaura-se a movência de sentidos.

1.4.1. Pré-construído e discurso transversal

Neste tópico serão abordadas as noções de pré-construído e de discurso transversal. A noção de pré-construído foi desenvolvida por P. Henry e por Pêcheux, e o fato de considerar que havia distanciamento na frase entre o que era produzido antes, em outro lugar ou independentemente, e o que se afirmava no todo da frase acabou levando P. Henri, conforme destaca Pêcheux (1995, p. 99), “a propor o termo 'pré-construído' para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é 'construído' pelo enunciado”.

Ainda a respeito do pré-construído, destacamos que o mesmo é determinado pelo interdiscurso. Segundo Pêcheux (1995, p. 164), “o pré-construído corresponde ao 'sempre já-lá' da interpelação ideológica que fornece-impõe a 'realidade' e seu 'sentido' sob a forma da universalidade (o 'mundo das coisas')”. Assim, toda produção discursiva produzida anteriormente e de forma independente, ou seja, em uma FD externa àquela em que o discurso em análise se inscreve, será compreendida como pré-construído.

O pré-construído pode ser mobilizado através de duas modalidades: por uma operação de encaixe no interior do discurso do sujeito e pela forma de discurso transverso. A primeira se dá através de uma operação sintática, mobilizada pelo pré-construído, que demarca as fronteiras⁸ entre o que vem de outro lugar e o que é produzido pelo sujeito do discurso. Tal encaixe ocorre sem que o sujeito assim o perceba, já que ele tem a ilusão⁹ de ser a origem do seu dizer/discurso.

Como já citado, a outra modalidade - o discurso transverso - é definida por Pêcheux (1995, p. 166) como o funcionamento que “remete àquilo que, classicamente, é designado por metonímia, enquanto relação da parte com o todo, da causa com o efeito, do sintoma com o que ele designa, etc.”. Este autor, ao estabelecer relação entre interdiscurso, intradiscurso, pré-construído e discurso-transverso, aponta que

*o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito-falante”, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito, é a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior”. E o caráter da forma-sujeito, com o idealismo espontâneo que ela encerra, constituirá precisamente em reverter a determinação, diremos que a forma-sujeito (com a qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso, no qual ele se articula por “co-referência”. Parece-nos que, nessas condições, que se pode caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui *um de seus fundamentos*. (PÊCHEUX, 1995, p. 167)*

Dessa forma, é possível depreender que, apesar de o discurso transverso ser uma das formas de funcionamento do pré-construído, eles não são equivalentes, posto que o pré-construído é o já-dito que vem do interdiscurso e se atualiza no discurso do sujeito; ao passo que o discurso

⁸ De acordo com Cazarin (2010, p. 108), compreende-se “‘fronteira’ como o lugar de entrelaçamento / entrecruzamento de discursos, e não como um limite divisório estático”.

⁹ A “ilusão do sujeito” está diretamente ligada à noção de esquecimento, chamada por Pêcheux de Esquecimento nº 1 e é através dele que “temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes”. (ORLANDI, 2015, p. 33)

transverso é um pré-construído não marcado, ou seja, é um discurso que faz eco (ecoa) no discurso do sujeito e necessita da categoria da memória discursiva para que faça sentido. Ao afirmarmos que o pré-construído é relativo a uma FD, estamos levando em conta cada FD compartilhando dos mesmos saberes, ou seja, dos mesmos pré-construídos.

Indursky, ao abordar a noção de discurso-transverso, destaca este processo de retomada no discurso do sujeito como “o discurso-outro, que entra de viés no discurso do sujeito, tangenciando-o e nele fazendo eco de algo que foi dito em outro lugar”. Para a autora, é possível perceber as diferenças entre as modalidades encaixe do pré-construído e linearização do discurso transverso no discurso do sujeito. De acordo com ela,

o primeiro é objeto de uma operação de apropriação que, através de um encaixe sintático, estabelece correferência entre o que é apropriado e encaixado no discurso do sujeito e o que aí já se encontrava formulado, produzindo o efeito de que aquele pré-construído foi produzido ali, no discurso do sujeito. O segundo retoma um pré-construído que foi objeto de asserção em outro lugar e que, no discurso que dele se apropria, ressoa metonimicamente, como um implícito. Dois funcionamentos diversos de apropriação do pré-construído, dois modos distintos de retomada de discursos, duas formas diversas de fazer ressoar discursos que já estão em circulação em diferentes práticas discursivas. (INDURSKY, 2011, p. 70)

Dessa maneira, compreendemos que os dizeres formulados no discurso do sujeito já foram mobilizados anteriormente em algum lugar e que sua repetibilidade já se encontra previamente no interior do interdiscurso, lugar de todos os saberes, de já-ditos. Assim, se em qualquer modalidade de pré-construído (encaixe sintático ou discurso transverso) estamos diante da retomada dos ditos (e não ditos) no interdiscurso, então o que determinará os dizeres possíveis de serem mobilizados pelas posições-sujeito de uma dada FD será a forma-sujeito, responsável por regular os saberes desta FD específica.

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

2.1 Condições de produção na AD

Na perspectiva da AD, a noção de condições de produção é definida por Pêcheux (1997, p. 75), como “o estudo da ligação entre as 'circunstâncias' de um discurso”. Este autor, a fim de determinar os elementos teóricos que permitem pensar os processos em sua generalidade, frisa que

os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso. (PÊCHEUX, 1997, p. 78)

Levando em conta o exemplo apontado por Pêcheux (1997, p. 82), “no interior da esfera da produção econômica, os lugares do 'patrão' (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis”, desse modo, os sujeitos envolvidos no discurso representam os lugares determinados na estrutura de uma formação social e, em vista disso, são projeções imaginárias dos lugares os quais ocupam. Já para Courtine, a noção de CP

conhece sua primeira definição empírica geral nos trabalhos de Pêcheux (1969, p. 16-29). Encontra-se neles definida, no quadro do esquema transformacional da comunicação de R. Jakobson (1963, p. 214), a partir de “lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares cujo feixe de traços objetivos a sociologia pode descrever” (p. 18). As relações entre esses lugares objetivamente definíveis encontram-se representadas no discurso por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que o remetente e o destinatário atribuem a si e ao outro. (COURTINE, 2014, p. 49)

Considerando também o que nos diz Orlandi (2015, p. 28), os dizeres são pistas deixadas no discurso a fim de que se chegue à compreensão dos sentidos produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção; “esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do texto também fazem parte dele”. Ainda em relação às condições de produção, é também considerada, conforme a autora (1987, p. 161), “a noção de contexto histórico. Dessa forma, passam a contar desde determinações no contexto mais imediato (ligados ao momento da interlocução) como as do contexto mais amplo (como a ideologia)”.

Isto posto, se considerarmos o contexto como constitutivo, seja qual for a variação relacionada às condições de produção será relevante para a significação.

2.2 Condições de produção do enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*

As condições de produção do enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* devem ser essencialmente levadas em consideração, já que tal enunciado produz sentido já no seu aparecimento, pois – apesar de a matéria referir-se à Marcela Temer, uma mulher que iminentemente ocuparia à época a posição de primeira-dama do Brasil – a revista expôs o comportamento que se espera que as mulheres tenham nesse país, e usou a imagem de Marcela como padrão de um comportamento retrógrado ditado por uma sociedade conservadora.

Tal publicação trouxe à tona a discussão a respeito do comportamento da mulher, mas não em relação à liberdade conquistada ao longo dos anos, à luta pelos direitos que lhe cabem, sua evolução, seu empoderamento, e sim, expondo-a como um troféu, tendo como necessidade destacar seus atributos físicos, seu recato, como se só esse comportamento feminino fosse o permitido, ou que merecesse ser valorizado. Além disso, buscou “(re)colocá-la” em um lugar”, demarcando um espaço no qual os conservadores lhe reservam: o “lar”!

Dessa forma, compreendemos que as reproduções que se opuseram a esse enunciado emergiram em contestação a essa forma de comportamento imposta. Mesmo que a matéria não traga a informação explícita de que não aceita o modo como as mulheres vêm agindo, que as quer fora do mercado de trabalho, que as teme como concorrentes, que devem voltar para o lar, cuidar melhor de seus maridos, dos filhos, da casa, mesmo assim isso está lá, significando. Isso ocorre porque, de acordo com Orlandi (2015, p. 81), “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam”.

Para Pêcheux (1997, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”, assim, vale lembrar que o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* emergiu em um período bastante delicado da política nacional, devido a diversas denúncias e casos de corrupção envolvendo a cúpula do Governo Federal, tendo como um dos principais alvos de acusação a presidenta eleita Dilma Vana Rousseff¹⁰.

A acusação teve início em 02 de dezembro de 2015 e resultou em seu afastamento em 12 de maio de 2016, pelo prazo de 180 dias, período em que Michel Temer assumiu o cargo de presidente interino. Em 31 de agosto de 2016, data de encerramento do processo de *impeachment* que decidiu pela destituição de Dilma Rousseff do cargo, Temer passou, então, a ocupar oficialmente o cargo de

¹⁰ Dilma Vana Rousseff será tratada no decorrer do trabalho apenas por Dilma Rousseff ou Dilma.

Presidente da República.

E é em meio a essas condições que ocorreu, no dia 18 de abril de 2016, a publicação da matéria, pela revista *Veja*, em edição extra nº 2474, a respeito de Marcela Temer, que se tornou primeira-dama 136 dias após essa publicação.

O enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*, que intitulou a matéria, causou distintas reações, pois apontava para um padrão de como deve ser (ou como se espera que seja) a mulher num país ditado por uma sociedade conservadora. Dessa maneira, momentos históricos foram recuperados no interdiscurso que, de acordo com Orlandi (2015, p. 29) “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”.

Tão logo o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* foi produzido, passou a ser discursivizado na mídia, foi sendo (re)trabalhado em outros enunciados nas redes sociais e é essa (re)significação que a nós interessou compreender. Tal enunciado, ao ter seu emprego disseminado, produziu distintos (efeitos de) sentidos e passou a ser parafraseado. Os discursos (re)produzidos geraram paráfrases que, em alguns casos, mantiveram o sentido, já em outros, tiveram o sentido deslizado, provocando a ironia, a contestação, ou, ainda, rompidos, através da refutação e da negação.

3 BELA, RECATADA E “DO LAR” E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA FIGURA DE PRIMEIRA-DAMA

3.1 Formação imaginária

A questão sobre o imaginário é encontrada em Pêcheux (AAD69) quando de sua abordagem sobre condições de produção, *antecipação*¹¹ e lugares sociais ocupados pelo sujeito e pelos interlocutores. Para ele (1997, p. 82), o discurso é “efeito de sentido entre os pontos A e B”, ou seja, entre locutores, os quais representam “lugares determinados na estrutura da formação social”. Pêcheux destaca também que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo, nos quais funciona uma série de formações imaginárias que, de acordo com o autor,

designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). (PÊCHEUX, 1997, p. 82)

Para Pêcheux (1997, p. 83), “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias” e as designa apontando que a imagem do lugar de A corresponderá a duas formas possíveis: a que A faz do sujeito colocado em A (Quem sou eu para lhe falar assim?) e a que A faz do sujeito colocado em B (Quem é ele para que eu lhe fale assim?). Da mesma forma, a imagem do lugar de B também apresentará distintas correspondências em relação à imagem ocupada pelos sujeitos, ou seja, a imagem que B faz de B (Quem sou eu para que ele me fale assim?) e a imagem que B faz de A (Quem é ele para que me fale assim?).

Assim, pelo mecanismo da antecipação, a imagem que a revista tem da imagem que os leitores têm daquilo que ela vai 'dizer', faz com que ela ajuste seu dizer a seus objetivos, trabalhando, dessa forma, esse jogo de imagens, ou seja, ao antecipar-se a seu interlocutor, a *Veja* regulou sua argumentação e procurou, através do modo como disse, produzir - em seu leitor - o efeito de sentido desejado (e que nem sempre é alcançado). É preciso referir o sentido às condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com a memória e também remetê-lo a uma formação discursiva – e não outra - a fim de compreendermos o processo discursivo que indica se ele é conservador ou não. Recordando, os sentidos não estão nas palavras, e sim muito além delas.

¹¹ A noção de *antecipação* é tratada na obra *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* (1975) por Michel Pêcheux e é fruto da reformulação da noção de *imaginário*, desenvolvida em sua obra *Análise Automática do Discurso* (1969)

Destacamos que a noção de formação imaginária sofreu uma revisão, sendo concebida após uma teoria não subjetiva da subjetividade, que envolve os esquecimentos nº 1 e 2 e, a partir desses esquecimentos, podemos estabelecer então uma relação entre as formações imaginárias e um sujeito descentralizado, que é marcado pela ideologia e pelo inconsciente. Com relação aos esquecimentos, retomamos que Pêcheux aponta como *esquecimentos nº 2* aquele

pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada*. Por outro lado, o autor apela para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o *esquecimento nº 1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento nº 1 remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que esse exterior determina a formação discursiva em questão. (PÊCHEUX, 1995, p. 173)

E a revista *Veja*, ainda que não se dê conta, reforça esse imaginário quando utiliza as palavras bela, recatada e do lar, visto que estas contêm uma carga semântica significativa, se levarmos em conta as condições em que foram produzidas e a posição daquele que as empregou. De acordo com Pêcheux (1995, p. 160), a FD é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina (...) o que pode e deve ser dito.” Para o autor, isso equivale a afirmar que

as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (...) os indivíduos são "interpelados" em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam "na linguagem" as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 1995, p. 160-161)

Para Pêcheux (1995, p. 160), “É a ideologia que fornece as evidências (...) que fazem com que uma palavra ou enunciado 'queira dizer o que realmente dizem' e que mascaram (...) o 'caráter material do sentido' das palavras e dos enunciados”.

Lembremos que, em AD, o social e o linguístico constroem-se juntos. De acordo com Orlandi (1994, p. 56), “o discurso é definido como processo social cuja especificidade está em que sua materialidade é linguística”. Assim, pelo viés da AD, deve-se pensar o social não como classe social, sexo ou idade, e sim, como

formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um

presidente etc. Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa. (ORLANDI, 1994, p. 56)

Além desses mecanismos, operam também as 'relações de forças', que definem, segundo Orlandi (2015, p. 37), “que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Vale ressaltar que as formações imaginárias não lidam com sujeitos ou lugares físicos, mas com a projeção da imagem que um faz do outro. Conforme Orlandi (2015, p. 38), “projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição”.

Vimos que a interpretação é direcionada no interdiscurso, da mesma forma o imaginário também o é, já que é através da projeção que fazemos do lugar social ocupado pelo sujeito que se criam as imagens que temos de quem ocupa esse lugar social, o que ele pode ou não dizer, como deve ou não se comportar/agir. Mas esse imaginário não é construído por nós, ele já existe, já está lá na memória do dizer. O lugar social nada mais é do que o imaginário que temos desse lugar social, ou seja, são projeções imaginárias que os interlocutores têm uns dos outros.

Dessa forma, se todo processo discursivo supõe a existência das formações imaginárias, então podemos destacar que o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*, que tem Marcela Temer (vice-primeira-dama à época) como referente, é o resultado da imagem que a revista *Veja* faz de uma primeira-dama. Essa imagem é uma projeção presente no imaginário de uma sociedade conservadora. Assim, há um discurso conservador em relação ao papel da mulher na sociedade e, conseqüentemente, à imagem que é atribuída a uma primeira-dama. Isso apresenta-se materializado através das palavras “bela – recatada – do lar”, que compuseram o título da matéria da *Veja* e que acabaram produzindo o efeito de sentido que remete ao comportamento que uma sociedade conservadora associa à imagem feminina, de cuidadora da família, que não trabalha fora de casa e que esteja sempre bela.

De acordo com Orlandi,

segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor 'ouve' suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou do outro, segundo o efeito de sentido que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando a seus efeitos sobre o interlocutor. (ORLANDI, 2015, p. 37)

Isso reforça o que nos diz esta autora (2015, p. 38), “que todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias”. Assim, a imagem que os protagonistas do discurso têm um do outro é essencial, visto que esses lugares são marcados por propriedades diferenciais determináveis pela posição social.

Resenhando o pensamento de Orlandi (2015, p. 39-40), no caso de nossa análise, podemos dizer que não importam os locutores empíricos que a escrevem a revista, mas a posição (moralista, conservadora) que eles ocupam, o que faz valer (significar) seu dizer de um modo determinado. Temos que considerar - nas circunstâncias da enunciação – a imagem que se faz da *Veja*, mas também a imagem que a revista faz de seus leitores, mobilizando um dizer que remete a sentidos cuja memória os filia a discursos de que tal dizer (bela, recatada e do lar) é um vestígio. Isto indica a direção (política, ideológica) desse enunciado.

Dessa forma, no enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*, o que ocorre é uma projeção imaginária do lugar social ocupado por uma primeira-dama (lugar que Marcela Temer passou a ocupar), porém a construção do imaginário não se dá de forma consciente, já que, conforme explica Orlandi, “o inconsciente da AD é marcado pela zona do inacessível ao sujeito (esquecimento nº 1) e liga-se à historicidade, ou seja, a língua faz sentido porque a história nela intervém. Isso pode ser compreendido através, por exemplo, do uso da palavra “recatada”, que nos remete à discrição, e ser discreta é um atributo essencial de uma primeira-dama projetada pela posição-sujeito de uma FD conservadora, ou seja, essas palavras acabam 'dizendo o que pode e deve ser dito' na FD na qual o sujeito do enunciado está inscrito.

O que ocorre no discurso da revista *Veja* é um jogo de imagens do lugar que a revista e o leitor fazem de si e do outro (e também do objeto do discurso, que no caso é a imagem de primeira-dama). E essa relação de poder está representada em nossa sociedade, que é constituída de relações de hierarquia presentes no discurso e sustentada no poder por esses diferentes lugares de que se valem os sujeitos para se comunicarem.

No tópico seguinte, será apresentado o modo de funcionamento do imaginário na projeção do lugar social ocupado pela primeira-dama.

3.2 O imaginário que perpassa a figura da primeira-dama

Para esta pesquisa, um de nossos interesses é compreender o imaginário que perpassa a figura da primeira-dama no Brasil, país que acabou por seguir os moldes americanos. Sendo assim, veremos como esse termo chega até nós.

O termo primeira-dama¹² foi convencionado como título que se dá à representante feminina (cônjuge ou não)¹³ do presidente da República, dos governadores de Estado e de prefeitos. Com presença relevante em suas cidades, pretensamente influem na construção da imagem e conceito da administração desses governantes. A criação do título é creditada ao ex-presidente dos Estados Unidos, Zachary Taylor, o qual chamou Dolley Madison, esposa de James Madison, de primeira-dama durante o funeral desta, em 12 de julho de 1849, enquanto recitava um elogio escrito por ele mesmo. Porém, a expressão primeira-dama apareceu publicada pela primeira vez em 31 de março de 1860, no jornal americano *Frank Leslie's Illustrated Newspaper*, e referia-se a Harriet Lane. Na verdade, ela era sobrinha do presidente James Buchanan, que ocupou a presidência dos Estados Unidos entre 1857 e 1861 e foi o único chefe de Estado americano a não se casar.

O Brasil é uma república federativa presidencialista desde 15 de novembro de 1889, quando um golpe militar comandado pelo marechal Deodoro da Fonseca (primeiro presidente do Brasil) pôs fim ao Império proclamando a atual forma de governo. Mariana Cecília de Sousa Meirelles da Fonseca, esposa de Deodoro da Fonseca, foi a primeira-dama do país, de 1889 até 1891. No total, foram 35 primeiras-damas no Brasil até 2016, ano em que Marcela Temer (36ª) passou a assumir tal posição quando seu marido, Michel Temer, passou a ocupar oficialmente o cargo de presidente da República após processo de *impeachment*, ocorrido em 31 de agosto de 2016, que decidiu pela destituição de Dilma Rousseff da presidência do país.

Com relação ao fenômeno do “primeiro-damismo” no Brasil, Torres (2002) destaca que há uma motivação de ordem política e afirma que

o Estado brasileiro vê-se obrigado a forjar estratégias de enfrentamento dos problemas sociais que assumem sérios contornos nesse período da Segunda Guerra. Na verdade, o Estado lança mão dos valores femininos para sensibilizar a sociedade a intervir na chamada “questão social”, dando impulso ao espírito filantrópico a partir de uma prática assistencialista, que marcaria a face da ação das primeiras-damas no Brasil. (TORRES, 2002, p. 40)

Ainda de acordo com esta autora (2002, p. 22), “o Estado se exime da sua responsabilidade e da ‘questão social’, transferindo-a para a própria sociedade sob a direção das primeiras-damas”.

Dessa forma, a responsabilidade enquanto primeira-dama era pôr em prática o assistencialismo almejado pelo Estado. Um exemplo de programa assistencialista foi a criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA) com a qual havia uma preocupação social, mas, diferentemente dos programas sociais atuais, não visava ao empoderamento das pessoas do povo,

¹² Informações disponíveis em https://pt.wikipedia.org/wiki/Consorte_de_pol%C3%ADtico. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

¹³ Há situações em que o posto de primeira-dama não é ocupado pela esposa do governante (presidente, governador ou prefeito), e sim, por uma parente próxima: filha, irmã ou sobrinha.

apenas servia como justificativa de assistência (ajuda) aos menos favorecidos, e como forma de reforçar positivamente a imagem do governo. Sendo assim, o que havia até então era uma representação feminina sem engajamento político, apenas seguia os protocolos destinados às primeiras-damas, dentre eles, o de recepcionar - com elegância e cortesia - em eventos sociais.

Essa posição vigorou no Brasil durante muitos governos, porém acontece uma diferença significativa a partir da primeira-dama Ruth Vilaça Correia Leite Cardoso¹⁴, visto que ela procura romper com o imaginário da primeira-dama *glamourosa*. Prova disso, é que Ruth Cardoso não gostava de ser chamada de primeira-dama, preferia ser conhecida por sua intelectualidade, já que era doutora em Antropologia e professora universitária. Fundadora da ONG *Comunitas*, dizia que a “sociedade brasileira 'hoje' não espera tudo do Estado, ela toma a iniciativa, inova e experimenta”.

Logo após o Governo FHC, Luiz Inácio Lula da Silva assume a Presidência da República e Marisa Letícia Lula da Silva¹⁵, sua esposa, rompe com os padrões até então esperados pela sociedade conservadora. Tal ruptura desse imaginário de primeira-dama se dá por ela ser militante política e uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT), responsável inclusive por costurar a primeira bandeira do partido. Além disso, o fato de ser uma representante do povo, casada com um homem do povo (sindicalista, metalúrgico, enfim, representante da classe trabalhadora que chegou à Presidência da República), acaba por destoá-la do imaginário que se tem do lugar social ocupado por uma primeira-dama, lugar este repleto de *glamour*.

Em sequência ao Governo Lula, tem-se pela primeira vez uma figura feminina ocupando o principal cargo político no Brasil: Dilma Rousseff. Sendo assim, não teve em seu governo a representação da figura de primeira-dama, que poderia ter sido ocupada por sua filha, já que por ser uma mulher descasada, não dispunha de um primeiro-cavalheiro. Mesmo podendo ter esse posto preenchido por sua filha, Dilma não o fez, pois não comungava com os valores de uma primeira-dama. Embora não sendo uma proletária, era uma militante e, dessa forma, assim como Ruth Cardoso e Marisa Letícia, também rompeu com esse papel.

No entanto, assim como houve uma ruptura com o “modelo padrão” da primeira-dama por aquelas que não assumiram tal papel, com a chegada de Marcela ao posto de primeira-dama há o retorno aos moldes glamourosos e assistencialistas. Marcela é o modelo “bela, recatada e do lar” que volta ao passado e traz novamente à tona o retorno ao imaginário de primeira-dama tido pela sociedade conservadora.

Com Marcela Temer, o papel de primeira-dama que há no imaginário popular é reafirmado, já que muitos eleitores têm a imagem do presidente e da primeira-dama como modelo da composição

¹⁴ Ruth Vilaça Correia Leite Cardoso será tratada neste capítulo apenas por Ruth Cardoso.

¹⁵ Marisa Letícia Lula da Silva será tratada neste capítulo apenas por Marisa Letícia.

de uma família tradicional. Além disso, o modo como a mídia a descreve, como uma mulher que sabe conciliar os papéis de mãe, esposa e dona de casa; que sabe a importância de participar sem se impor, que marca presença nos eventos políticos e sociais de forma discreta, veste-se adequadamente e de forma recatada, acaba por reforçar esse imaginário da figura de primeira-dama.

Faz-se necessário mostrar que a imagem que se tem do lugar social ocupado pela primeira-dama está vinculado ao assistencialismo, mesmo que por parte de umas haja participação mais ativa do que de outras, ainda assim, esse papel é atribuído às primeiras-damas (ou seja, às mulheres) e não ao presidente. Isso ocorre devido a questões históricas, já que socialmente as mulheres são educadas e responsabilizadas pelo equilíbrio familiar e social. Da mesma forma, há no imaginário um protocolo que, apesar de não constar no Decreto nº 70.274 de 09 de março de 1972, da Presidência da República (que decreta as normas do cerimonial público e a ordem geral de precedência) dita a forma de comportamento de quem ocupa esse lugar.

Tal protocolo, conforme Lima¹⁶ (2014), aponta que “a presença da primeira-dama deve ser sentida, mas de forma leve, delicada, com classe e muita etiqueta. Seu traje, sempre discreto, não deve ter nenhum item exagerado. Elegância antes de tudo”. Assim, depreende-se que a primeira-dama tem um papel significativo no imaginário popular, e isso não é à toa.

¹⁶ Augusto Cesar Lima é especialista em Cerimonial e Protocolo. Material publicado em 15 de outubro de 2014, disponível em <http://www.augustolima.com.br/abrir_artigo.php?id=267#.WgyaUGhSyyI>. Acesso em 18 de agosto de 2016.

4 PARÁFRASE(S): REPETIÇÃO DO MESMO?

A noção de paráfrase, na maioria dos casos, está associada à repetição e vem sendo abordada sob diversas perspectivas teóricas. Nesta pesquisa, abordamos a noção de paráfrase pelo viés da AD, examinando-a do ponto de vista discursivo. De acordo com o Pêcheux (1975, p.169), “a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a ‘matriz do sentido’”. Dessa forma, para este autor, o fato de o (efeito de) sentido não ser único afasta a leitura literal/objetiva, já que a sequência se dá no interior da família parafrástica e só será passível de compreensão se pertencer a uma ou à outra FD.

Também na perspectiva de Orlandi (2015, p. 36): “A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo”. Para ela, o processo parafrástico origina-se da reiteração de processos cristalizados pelas instituições e, em oposição ao processo parafrástico, está o processo polissêmico. Segundo a autora (2015, p. 34), “todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos”. Esses dois processos produzem uma disputa entre o mesmo e o diferente. De acordo com Orlandi,

os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco. (...) E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2015, p. 34)

Ainda conforme Orlandi (2015, p. 36), a polissemia “é a fonte da linguagem, uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos - não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer”. Para ela, a polissemia é “justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”, assim, a autora compreende a polissemia como ruptura de processo de significação.

Dessa maneira, compreendemos que a simples repetição dos discursos não garante a manutenção do sentido, já que os sentidos podem ser diversos, pois são produzidos em condições específicas por sujeitos interpelados ideologicamente, afetados pela língua e inscritos na história.

Em seu trabalho de pesquisa, Cazarin (1998, p. 58) destaca que “Courtine amplia a noção de paráfrase proposta por Pêcheux, dizendo que a identidade semântica não se reduz, em todos os casos, a uma pura e simples equivalência”. Ainda segundo esta autora, Courtine propõe então

a construção de uma forma de *corpus* que permita relacionar "zonas discursivamente heterogêneas", quer dizer, de processos discursivos inerentes a FDs antagônicas. Dessa forma, a articulação do processo discursivo, no interdiscurso, vem determinar a configuração de parafrase discursiva no interior de um processo dado e, para tanto, não será satisfatória uma concepção de parafrase discursiva fundada sobre um puro princípio de identidade. Segundo ele, no interior de uma FD poder-se-á encontrar um conjunto de formulações formando uma rede, as quais mantêm relações interdiscursivas com seu exterior. Diante dessas constatações, acredita estar diante de um tipo particular de parafrase discursiva, em seu trabalho, caracterizada pelo uso contrastivo da cópula de identificação "é/não é". O contraste se dá por uma relação interdiscursiva. Diante disso, propõe um deslocamento teórico que leve em conta a heterogeneidade dos processos discursivos. Desse modo, sua proposta de parafrase discursiva não atende nem ao princípio da simetria, nem ao da orientação, uma vez que os enunciados contrastivos são caracterizados pela não comutabilidade dos enunciados. (CAZARIN, 1998, p. 58-59)

Já para Grantham, a parafrase

não implica sempre a reprodução de um mesmo dizer e de uma mesma posição-sujeito, mas aceita os deslizamentos e a deriva dos sentidos e permite a oposição entre posições-sujeito oriundas de uma mesma formação discursiva ou de formações discursivas diferentes. (GRANTHAM, 2009, p. 269)

Em sua obra "Da releitura a escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação", Grantham aponta que a parafrase ocorre de três maneiras e, assim, desenvolve as noções de parafrase intradiscursiva, parafrase discursiva e parafrase interdiscursiva.

Para esta autora (2009, p. 173), a parafrase intradiscursiva se dá quando os sujeitos "inscrevem-se na mesma FD, identificam-se com a mesma posição-sujeito, (re)constroem os mesmos sentidos". Já a parafrase discursiva, segundo ela (2009, p. 222), "revela um processo discursivo em que ocorrem deslizamentos de sentido dentro de uma mesma formação discursiva". Em se tratando da parafrase interdiscursiva, Grantham (2009, p. 250) aponta que é "uma parafrase em que o interdiscurso se atravessa e se interpõe na leitura, o que causa ruptura de sentidos e mudança de formação discursiva".

Assim, com base nas noções de parafrase desenvolvidas por Grantham, nesta pesquisa, a parafrase é compreendida como o espaço que reúne (re)formulações¹⁷ de uma mesma matriz, na mesma FD ou em FD distinta, e ocorre de três modos: através da parafrase intradiscursiva, na qual a posição-sujeito se inscreve na mesma FD da SDR, inclusive com relação à manutenção do sentido; da parafrase discursiva, compreendida neste tópico como um dos três tipos de parafrase, em que a posição-sujeito, apesar de também se inscrever na FD da SDR, produz um deslizamento de sentido

¹⁷ Reformulações devem ser compreendidas nesta pesquisa como os textos (re)produzidos a partir da SDR *Bela, Recatada e "do Lar"*.

com relação ao produzido pela SDR, e a paráfrase interdiscursiva, na qual compreendemos que ocorre quando há posições antagônicas entre FDs, ou seja, nem a posição-sujeito nem o sentido são os mesmos. Vejamos como se caracteriza cada uma delas.

5 CORPUS E METODOLOGIA

5.1 Preparando a análise

A partir do enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*, emergiram distintos textos, nos quais em alguns houve a manutenção do sentido e, em outros, o deslizamento (quando há a permanência do sujeito na FD, mesmo havendo contraidentificação da posição-sujeito com os saberes que constituem essa FD) e até mesmo o deslocamento (quando a posição-sujeito não se identifica com os saberes regulados pela forma-sujeito de dada FD e, dessa forma, mediante tal oposição, acaba por inscrever-se em FD oposta). Daí nossa abordagem ser ancorada na noção de paráfrase desenvolvida por Grantham que a considera na ordem do discurso e a divide em três tipos - paráfrase intradiscursiva, paráfrase discursiva e paráfrase interdiscursiva – e, a partir dessas três denominações, ela aponta que (2009, p. 266) “há três maneiras de reescrever, de retomar o texto-origem” (que em nossa pesquisa é compreendido como SDR).

Para esta pesquisa, compreendemos paráfrase na mesma perspectiva de Grantham, ou seja, embasados na ideia de que os três tipos de paráfrase abordados neste trabalho são formas de repetição. Conforme a autora

a repetição – e a paráfrase – não significa apenas dizer a mesma coisa de uma outra forma, o que implicaria sempre a manutenção do sentido. (...) há repetição – e paráfrase – mesmo quando ocorrem os deslizamentos e as transformações de sentido. (GRANTHAM, 2009, p. 269)

Assim, de acordo com Grantham, tal posição a afasta de uma abordagem linguística de paráfrase e, desse modo – a autora compartilha do pensamento de Courtine que, segundo ela (2009, p. 269), “concebe a paráfrase como uma configuração particular que abriga a contradição entre dois domínios de saber de FDs antagônicas, ou seja, a reformulação do dizer que constrói redes de formulação do dito”. Grantham complementa destacando também que, para Courtine, “a paráfrase suporta uma oposição entre posições-sujeito que remete ao interdiscurso e caracteriza os enunciados divididos, isto é, a presença de saberes antagônicos em um mesmo enunciado discursivo”.

Da mesma forma, faz-se necessário destacar que depreendemos a noção de repetição também com base no ponto de vista de Grantham. Nesta dissertação, a repetição está vinculada aos três tipos de paráfrases desenvolvidos pela autora e, assim, significa diferentemente, pois se dá em condições de produção diversas.

Segundo Grantham (2009, p. 269), há “a repetição linguístico-discursiva, (...) definida como a repetição que, mesmo sendo discursiva, se produz essencialmente sobre o intradiscurso, sobre a materialidade linguística e que, por isso, faz com que os sentidos se produzam na mesma direção do TO” (no caso desta dissertação, compreendida como SDR – enquadra-se nesse ponto a paráfrase interdiscursiva); temos também a repetição discursiva que, para esta autora (p. 270), ocorre quando o “interdiscurso se atravessa (...) provocando deslizamentos de sentido, mas que inscreve os leitores na mesma matriz de sentido do sujeito-autor. Assim, os deslizamentos alteram as formulações, mas não rompem com os sentidos produzidos em TO”, nesta perspectiva, os sujeitos permanecem inscritos na mesma FD da SDR, não há ruptura, apenas se contraidentificam - é o caso da paráfrase discursiva); já na repetição interdiscursiva, segundo ela (270), “o interdiscurso se atravessa e se sobrepõe de tal forma ao intradiscurso que os sentidos derivam e acabam por se transformar, por se tornarem outros”, assim, produzindo um deslocamento, ou seja, não há manutenção de sentido, nem identificação por parte da posição-sujeito (compreendida por nós como paráfrase interdiscursiva). Isto posto, tanto a noção de paráfrase quanto a de repetição constituem, de diferentes formas, o modo de retomada e de manifestação do sujeito com relação à SDR.

5.2 Aspectos metodológicos

A metodologia em AD demanda um constante ir e vir entre a teoria e a análise, ou seja, não há uma metodologia pronta em AD, haverá sempre o movimento da teoria para o *corpus* e vice-versa. Dessa forma, o analista precisará criar uma metodologia que o possibilite descrever e sustentar adequadamente suas análises, visto que o dispositivo teórico-metodológico vai sendo construído pelo analista em função de sua observação no *corpus*. Vale ressaltar que o gesto do analista é determinado pelo dispositivo teórico-analítico, ou seja, o analista, dependendo do seu gesto interpretativo, mobilizará noções que justifiquem sua(s) análise(s).

A partir do enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”*, diversas (re)produções discursivas emergiram, principalmente nas redes sociais, e acabaram por revelar a posição ideológica dos sujeitos envolvidos e sua inscrição em uma formação discursiva específica. Assim, as marcas linguísticas deixadas nos discursos (re)produzidos foram analisadas a fim de que fossem desfeitas as evidências da literalidade presente no discurso da revista. Concordamos com Grantham (1996, p. 8), quando a autora afirma que o discurso, enquanto prática discursiva, “trabalha para que o efeito de sentido construído discursivamente produza a ilusão de sentido único, e a AD trabalha sobre a materialidade discursiva, desconstruindo-a para determinar os funcionamentos discursivos que

instauram essa ilusão”, dessa forma, assim como ela, compreendemos ser a literalidade é ilusão.

Assim, nesta pesquisa, buscamos nesses enunciados (re)produzidos as pistas deixadas pelas diferentes posições-sujeito, inscritas em distintas FDs, a fim de compreendermos o sentido produzido, já que sabemos que o mesmo não se encontra nas palavras, pois ele depende de quem as emprega, levando em conta, dentre outras coisas, as condições em que são produzidas. Para isso, foram mobilizadas noções basilares da AD como sujeito, posição-sujeito, ideologia, formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva e condições de produção, e analisadas tais repetições pelo viés da paráfrase procurando-se observar a instauração do mesmo e do diferente através da manutenção, do deslizamento e do deslocamento de sentido.

Em se tratando do arquivo¹⁸, este foi constituído a partir de materialidades discursivas – compostas por *memes* produzidos entre 2016 e 2017 – foram selecionadas como *corpus* empírico e coletadas na rede social *Facebook* e no site de buscas *Google*, cujo enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* apareceu (re)tomado e (re)formulado.

Após a leitura e seleção, foi estabelecido o *corpus* discursivo e realizada a análise à luz dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso. Tais (re)produções foram referidas como texto, cuja análise envolve tanto o verbal quanto o não verbal, por acreditarmos que, para esta pesquisa, o não verbal é peça fundamental para a compreensão de sentido. Assim, concordamos com Orlandi (2015, p. 60) quando afirma que “quanto à natureza da linguagem, devemos dizer que a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letra etc.”

Nesta pesquisa, portanto, a imagem é compreendida como texto, tendo em vista que é através dela que se tem acesso ao discurso. De acordo com Ernst & Quevedo (2013, p. 269), a imagem na condição de um efeito-texto está sujeita aos mesmos efeitos a que se submete o verbal. Dito de outro modo: em seu âmbito discursivo, a imagem é passível de equívoco, é opaca e tem apagadas as suas condições de produção.

Com fins metodológicos, tomamos o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* como efeito de discurso fundador¹⁹, já que todo dizer se produz a partir de outros dizeres e, a partir dele, buscamos observar a (re)significação produzida pelas diferentes posições-sujeitos. Partimos então da noção de SDR, que é formulada por Courtine e definida como ponto de referência através do qual o conjunto

¹⁸ Arquivo: com base no que nos aponta Pêcheux (2010, p. 49), o arquivo é "entendido, no sentido amplo, de ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’”; assim, compreendemos a noção de arquivo como um conjunto de documentos relacionados a um tema que sofreu uma determinada organização.

¹⁹ Discurso fundador: discurso que funciona como referência básica no imaginário constitutivo de um país. Não se apresenta como já definido, mas antes como uma categoria do analista a ser delimitada pelo próprio exercício dos fatos que constituem, observada a relevância teórica. (ORLANDI, 1993, p. 7). Nesta pesquisa, Discurso Fundador será referido por DF.

dos elementos do *corpus* recebe sua organização, a fim de estabelecermos uma relação com os recortes e sub-recortes realizados como forma de configurarmos nossas materialidades e, desse modo, prepará-las para a análise.

Foram determinadas também duas FDs: FD1 e FD2. Consideramos a FD1 como a representante do discurso conservador e, dessa forma, aquela que reproduz os discursos estabilizados, e a FD2, que emerge como a FD da resistência, sendo compreendida como aquela que se opõe aos saberes produzidos na FD1. Vejamos como foi traçada a análise.

A análise se deu a partir de três recortes²⁰, que obedecem a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso e que permitiram chegar à nossa compreensão de como os textos funcionam, produzem (efeitos de) sentidos. Dessa forma, o recorte 1, constituído pelo Texto 1 (Bela, Recatada e do Lar, sim. Qual o problema?!) e pelo Texto 2 (Pelo direito da mulher também poder ser Bela, Recatada e do Lar) foram agrupados neste recorte por manterem – entre si e com a SDR – uma relação de identificação, tanto em relação à manutenção do sentido quanto da inscrição na mesma FD (FD1), ou seja, há uma relação de aliança entre posições-sujeito na FD1.

Já com relação ao recorte 2, os textos selecionados apresentam posições-sujeito que, apesar de manterem-se na mesma FD (FD1), se contraindificam com a posição-sujeito da SDR e, dessa forma, produzem sentidos que deslizam, se distanciam, questionam. São eles, o Texto 3 (Bela, Recatada e do Lab) e o Texto 4 (Você pode substituir Bela, Recatada e do Lar por Bela, Empoderada e participativa da vida pública, por exemplo), entre estes, há o conflito na FD1.

Em se tratando do recorte 3, este foi dividido em sub-recortes²¹, cujos textos apresentam deslocamento de sentido, que se dá de distintas maneiras, levando-se em conta as posições-sujeito responsáveis pela produção de(sses) sentido(s). São eles: sub-recorte 1, através do Texto 5 (Bela, Recatada e Dólar), que levanta a questão da corrupção, da desonestidade; sub-recorte 2, que comporta o Texto 6 (Bela, Recatada e do Bar) e o Texto 7 (Bela, Desbocada e do Bar) e que abordam a mulher independente; sub-recorte 3, que trata do feminismo através do Texto 8 (Bela, Recatada e do Lar/imagem de Frida Kahlo) e do Texto 9 (Bela, Recatada e do Lar? Não sou obrigada.), e por último, o sub-recorte 4, que destaca a mulher que vai à 'luta' e está representado pelo Texto 10 (Bela, Recatada e do Lar/mulheres na Guerra Civil Espanhola) e pelo Texto 11 (Nem Bela, Nem Recatada, Nem do Lar. Bonita Mesmo, é Qualquer Mulher que se Levanta. E Luta.) e,

²⁰ O recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem e situação. O recorte é pedaço. (Orlandi, 1987, p. 139-140). Assim, esses “pedaços” são organizados pelo texto que, em AD, é o meio pelo qual o discurso se materializa.

²¹ O sub-recorte é compreendido nesta pesquisa como divisão, ou seja, 'pedaço', presente em um recorte quando este tem distintos funcionamentos.

assim, marcam o confronto entre FD1 e FD2.

Assim, para que se possa ter uma breve visão de como se dará nossa trajetória de análise, apresentamos o quadro abaixo.

SDR – BELA, RECATADA E “DO LAR”
RECORTE 1: O MESMO NA FD1 – MANUTENÇÃO DE SENTIDO – Aliança na FD1 Texto 1 (T1) - Bela, Recatada e do Lar, sim. Qual o problema?! Texto 2 (T2) - Pelo direito da mulher também poder ser Bela, Recatada e do Lar
RECORTE 2 – DESLIZAMENTO DE SENTIDO – Conflito na FD1 Texto 3 (T3) - Bela, Recatada e do Lar Texto 4 (T4) – Você pode substituir Bela, Recatada e do Lar por Bela, Empoderada e participativa da vida pública, por exemplo
RECORTE 3: DESLOCAMENTO DE SENTIDO - Confronto entre FD1 e FD2 Sub-recorte 1: Texto 5 (T5) – Bela, Recatada e Dólar Sub-recorte 2 : Texto 6 (T6) – Bela, Recatada e do Bar / Texto 7 – Bela, Desbocada e do Bar Sub-recorte 3: Texto 8 (T8) – Bela, Recatada e do Lar/imagem de Frida Kahlo / Texto 9 (T9) – Bela, Recatada e do Lar? Não sou obrigada. Sub-recorte 4: Texto 10 (T10) – Bela, Recatada e do Lar/imagem de mulheres na Guerra Civil Espanhola / Texto 11 (T11) – Nem Bela, Nem Recatada, Nem do Lar. Bonita Mesmo, é Qualquer Mulher que se Levanta. E Luta.

6 DANDO INÍCIO À ANÁLISE DO *CORPUS* DISCURSIVO

Começamos às análises primeiramente pelo enunciado tomado como efeito do DF - que constitui a SDR *Bela, Recatada e “do Lar”* - buscando observar o efeito de sentido produzido e, em seguida, as (re)produções que emergiram através de *memes* a fim de compreender a movência de sentido, que se apresenta em alguns momentos através do mesmo, por vezes, mesclando o mesmo e o diferente, e por outras, expondo a ruptura.

6.1 Analisando a SDR – *Bela, Recatada e “do Lar”*



Fonte disponível em <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>
Acesso em: 13 de junho de 2016.

Publicada na revista *Veja*²², a matéria intitulada Bela, Recatada e “do Lar” destaca a beleza, a jovialidade e o comportamento de Marcela Temer – que é apresentada pela revista como “a quase primeira-dama” -, assim como deixa (de)marcado o lugar ocupado por ela na esfera social: o “lar”. A jornalista Juliana Linhares, que assina a matéria sobre Marcela Temer, valeu-se de opiniões e depoimentos dados por pessoas que convivem com Marcela para compor sua “obra”, sendo assim o que foi passado à jornalista foi a projeção imaginária que os entrevistados têm de Marcela, como a percebem ocupando o lugar de esposa do vice-presidente da República (à época). Inclusive, tais classificações, como ser “recatada e 'do lar'”, foram declaradas pela irmã de Marcela em entrevista à jornalista, que as utilizou com destaque.

Este enunciado, ao ser publicado na *Veja*, produz o efeito de sentido de cunho conservador, ou seja, que prega um discurso moralista, impositor e resistente a mudanças. A revista, ao usar tais atributos, acabou por reforçar o comportamento de Marcela como o modelo idealizado pela sociedade patriarcal, cuja alienação, submissão e aceitação da condição que lhe é imposta tem a chancela de parte de igrejas, através de discursos religiosos que, devido à sua repetibilidade, acabam regularizando o sentido, cristalizando-o; e do Estado, por meio de leis, que muitas vezes violam os direitos das mulheres. Assim, a *Veja*, ao dizer “bela, recatada e 'do lar'”, nos permite produzir o efeito de sentido de que a mulher deve se cuidar, ficar bonita, apresentável para seu marido; ter um comportamento discreto, falar baixo, usar roupas decentes; e (de preferência) não trabalhar fora (ser “do lar”).

Através da análise da SDR buscamos compreender como o imaginário intervém na produção de sentido, já que as formações imaginárias, conforme destaca Orlandi (1994, p. 56), “se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso” e que há, segundo aponta Pêcheux (1997, p. 82), “nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações e as posições”, assim, faz-se necessário observar a imagem que se tem do lugar social ocupado por Marcela Temer (papel à época de 'quase' primeira-dama) e como é projetada no imaginário uma mulher *Bela, Recatada e “do Lar”*. Vale ressaltar que esse imaginário não é construído por nós, ele já existe, já está na memória do dizer, e que o lugar social é uma projeção imaginária que os sujeitos têm uns dos outros. Dessa forma, através da projeção que fazemos de quem ocupa determinado lugar social fica estabelecido ao sujeito que ocupa esse lugar aquilo que pode ou não ser dito, ou como deve ou não se comportar. Em vista disso, tal imaginário a respeito do comportamento da mulher “recatada” e “do lar” vem sendo cristalizado historicamente

²² *Veja* é uma revista brasileira de grande circulação no território nacional publicada pela Editora Abril. Criada em 1968, a revista trata de temas variados de abrangência nacional e global, entre eles, políticos, econômicos e culturais. Posiciona-se, muitas vezes, ao coordenar sua linha editorial com alguns dos setores conservadores da direita brasileira, o que a faz alvo de críticas em diversos setores da sociedade.

ao longo dos anos e é retomado e reforçado pela revista através da publicação da matéria, cujo sentido é direcionado à regularização da imagem que se faz da figura feminina que é indissociável da posição ocupada por ela na formação social. Assim, ao recuperar os já ditos sobre a mulher e delimitar que o espaço doméstico deve ser o de sua atuação, a *Veja* aciona no interdiscurso o imaginário da mulher de séculos passados, cujo comportamento era ditado pelo Estado, pela Igreja, pela família, enfim, tentando resgatá-lo e trazê-lo como forma de parâmetro para a mulher da contemporaneidade. Esse comportamento da mulher brasileira, conforme aponta Del Priore²³, tem nada menos de 300 anos, ou seja, os seus hábitos atuais e maneira de ser foram moldados a partir do século XVI. Neste período, o recato é imposto pelo Estado e pela Igreja, e reforçado pela ciência.

De acordo com o que afirma a historiadora, os colonizadores portugueses pretendiam impor os seus próprios padrões de conduta e logo perceberam que uma forma de fazer isso era instituir o casamento à europeia. A partir daí, a Igreja e o Estado passaram a remodelar o papel da mulher naquela sociedade, tentando convencer a população das vantagens do casamento. Começaram então instituindo proibições de todos os tipos, determinando o que era “certo” e o que era “errado” para uma “mulher direita” e, um dos recursos utilizados pelo Estado foram as altas multas cobradas no que diz respeito aos concubinatos em contraposição ao baixo preço dos casamentos celebrados pela Igreja, esse foi um dos meios de mostrar que o casamento era a melhor escolha. Nessa época, a ciência médica avalizava cabalmente a opinião a respeito do corpo e do comportamento feminino e, com isso, a medicina ajudou a Igreja a incutir na mentalidade da mulher tabus como o da virgindade, por exemplo. Também a literatura contribuiu com tal reafirmação de conduta por parte da mulher exigida naquela época, já que a Igreja popularizou seus conceitos de “certo” e “errado” por meio de folhetins.

Como podemos depreender, tal imposição vai ao encontro do que nos aponta Althusser em sua obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*, quando destaca o Estado como um dos aparelhos repressivos, e a Igreja, como aparelho ideológico. De acordo com o autor (1985, p. 89), “cada aparelho ideológico do Estado era a realização de uma ideologia”, assim, apesar de os AIE não serem a expressão da dominação da ideologia da classe dominante, era o lugar e o meio de sua realização.

Segundo nos aponta Del Priori, nesse período citado acima não havia situação intermediária: ou a mulher era “da casa” ou era “da rua”. Para ela, “o arquétipo dessas duas mulheres ainda é muito forte na sociedade moderna”. E a revista *Veja* - ao atribuir à Marcela a qualidade de

²³ Mary del Priore é historiadora e professora de pós-graduação de História na Universidade Salgado de Oliveira. Fez seu pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris. Para mais informações, acesse <http://marydelpriore.com.br/>. Conteúdo publicado no site <https://super.abril.com.br/historia/o-lado-feminino-do-brasil-colonial-a-vida-das-mulheres-no-seculo-xvi/> em 31 de outubro de 2016. Acesso em: 18 de setembro de 2017.

“recatada” - traz à tona a imagem da mulher cujo imaginário culturalmente consolidou e, assim como no passado, reforça a ideia de que a mulher realizada, feliz, “bem vista” na sociedade tinha de ser casada, porém só ser casada não era o suficiente, tinha de “parecer” casada, ou seja, era preciso vestir-se, falar, portar-se como tal. Assim, é possível depreendermos que é desse imaginário cristalizado do papel da mulher que emergem tais características apontadas à Marcela e a importância de destacar esse adjetivo aliado a passagens como “aparece pouco”, “gosta de vestidos na altura do joelho”. Essa necessidade de reforçar que a imagem da mulher ideal está atrelada à beleza, ao recato e ao lar por parte da sociedade patriarcal é histórica. Conforme Mary del Priore²⁴, a história é feita de permanências e rupturas. Essa adjetivação a gente encontra nos memorialistas de 1920 e 1930. A beleza nem era tão importante nessa época, passou a ser uma característica determinante nos séculos 20 e 21. Mas recato e ser uma boa dona de casa acompanhou a história da mulher brasileira desde sempre.

O efeito de sentido produzido pelo enunciado “Bela, Recatada e 'do Lar'” é de que a mulher tem de ser bonita, discreta e trabalhar em casa, seja nas lidas domésticas ou, como no caso de Marcela – e isso está marcado pelas aspas em “do lar” -, administrando o lar. A ideia de submissão da mulher perante o homem também está presente no discurso da jornalista e materializado através da passagem a “Mar” do “Mi”, já que aponta que Marcela é de Temer, e não o contrário (o “Mi” da “Mar”), pois no imaginário conservador a mulher é que é do homem, deve servi-lo, satisfazer suas vontades e, como aponta a matéria, ser uma mulher bela, recatada e do lar. Inclusive na passagem bíblica “o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem” (Coríntios 11,9), mostra bem no que a sociedade patriarcal se baseia. O que está sendo analisado nesta pesquisa não é o comportamento que Marcela tem ou deixa de ter, mas o fato de a revista valer-se dele para apontá-lo como parâmetro a ser seguido por todas as mulheres, para que possam ser dignas de respeito nessa sociedade conservadora da qual é composta grande parte da nação brasileira.

Da mesma forma que essa SDR (re)afirma através do dito que é esse o padrão idealizado da mulher pretendido pela sociedade conservadora, ela também dá margens aos não ditos que, segundo Orlandi (2015, p. 81), “também significam”. Essa forma de tratar os não-ditos é apontada por essa autora como silenciamento ou política do silêncio. Esse silenciamento divide-se em dois e ocorre, de acordo com Orlandi, através do “silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não dizer) e o silêncio local, que é a censura (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer)”. Assim, se há a necessidade de reforçar a imagem do recato, é porque, na

²⁴ Conteúdo extraído da entrevista de Mary Del Priore à jornalista Néli Pereira do site da rede de notícias BBC/São Paulo em 21 de abril de 2016 a respeito da matéria publicada pela revista *Veja* intitulada “Bela, Recatada e 'do Lar'”. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160418_marydelpriore_entrevista_marcella_temer_np> Acesso em: 18 de setembro de 2017.

visão da revista, o que ocorre é exatamente a falta dele, ou seja, o que é dito através do não-dito é de que a mulher está se comportando de forma insinuante, sensual, beirando ao vulgar, e que esse comportamento não é o adequado para a mulher, que deve se valorizar, se resguardar e agir de forma discreta, quase imperceptível. Do mesmo modo, ao dizer “do lar”, o não-dito que está por trás faz uma crítica ao fato de a mulher “deixar” seu lar para trabalhar fora, apontando que é preciso que a mulher fique em casa e cuide do marido, dos filhos e da administração da casa, que é esse o espaço que ela deve ocupar na sociedade, ao passo que o sustento seja provido pelo marido, que cabe a ele essa responsabilidade enquanto chefe da família.

Outro contraponto que podemos estabelecer nessa pesquisa se dá entre os papéis representativos da ex-presidenta Dilma Rousseff e da atual primeira-dama Marcela Temer. Mesmo exercendo posições distintas, são figuras femininas envolvidas no processo de transição do governo e, dessa forma, relevantes para as condições de produção do discurso presente na SDR. Em se tratando de Marcela, podemos destacar que a revista a descreveu como uma mulher bonita, jovem, que usa roupas discretas (até mesmo pela posição atual que ocupa, de primeira-dama), fala pouco em público, sem histórico de envolvimento em questões políticas, aparentemente aceita a posição que lhe é imposta, de mulher “do Lar”, casada, cuida da casa, do filho e do marido, enfim, a representação idealizada da mulher apresentada pela *Veja* e tida como modelo pela sociedade conservadora. Já a imagem que se faz de Dilma é antagônica à de Marcela, pois no imaginário de grande parte da população, Dilma emerge como uma mulher madura, aguerrida, que carrega consigo toda uma história de vida, de lutas, de militância, possui uma oratória imponente, engajada com as questões políticas, a primeira mulher no Brasil a ocupar o cargo de presidente da República, além disso, é descasada, o que a distancia ainda mais da subordinação masculina, desconstruindo o modelo de mulher apontado pela revista e idealizado pela sociedade machista. Em resumo, Dilma é a representação de tudo aquilo que incomoda o patriarcado.

Vale lembrar que a revista não fez em nenhum momento referência explícita ao nome de Dilma Rousseff. Isso acontece porque, segundo Orlandi (2015, p. 81), “consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Tal oposição confirma que o que é dito tem sempre por trás o que não é dito, e esse oposto também significa e é o espaço possível para a (re)produção dos sentidos.

6.2 RECORTE 1: Paráfrase intradiscursiva e a manutenção do sentido – Aliança na FD1

A paráfrase intradiscursiva, noção desenvolvida por Grantham (2009), é compreendida neste

estudo como o espaço da manutenção do sentido e, de acordo com esta autora (2009, p. 175), essa paráfrase “trabalha principalmente o intradiscorso, que reitera sentidos, que inscreve os sujeitos-leitores na mesma FD do sujeito-autor, com a assunção de uma mesma posição-sujeito – é histórico-discursiva”. Resenhando Grantham, nesta pesquisa temos os sujeitos responsáveis pela (re)produção do(s) textos(s) na mesma FD do sujeito que produziu o texto do qual essas (re)produções emergiram, apropriando-se, dessa forma, de uma mesma posição-sujeito. A autora destaca também que considera essa subdivisão da paráfrase como histórico-discursiva, visto que o sujeito que (re)produz o discurso, segundo ela (2009, p. 175),

'colhe' no interdiscurso enunciados que entram em ressonância de sentido com o já-dito em TO. Tais ressonâncias se dão em torno de unidades lexicais, em torno de frases. Trata-se de ressonâncias localizáveis, que retomam um já-dito da formação discursiva e que fazem com que o dizer permaneça o mesmo. (GRANTHAM, 2009, p. 175)

Em relação ao sentido, Grantham (2009, p. 175) aponta que a paráfrase intradiscursiva “revela então gestos interpretativos desses sujeitos-leitores, movimentos de interpretação que, por reproduzirem os sentidos, os mantêm também esses sentidos no nível do mesmo”.

A constatação dessa relação de paráfrase na qual o sentido se mantém nos remete também à noção de ressonância, desenvolvida por Serrani, autora que realiza seus estudos sobre a repetição pelo viés da paráfrase, considerando-a como ressonância, sendo esta entendida como “uma *ressonância – interdiscursiva* – de significação, que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido”. Para ela, é ressonância porque,

para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua (...) a noção de ressonância permite incluir, na própria conceituação de paráfrase, o sujeito da linguagem, pois ela sempre ressoa para alguém, tanto na dimensão dos interlocutores empíricos projetados no discurso (projeção para a qual é fundamental o domínio das formações imaginárias), quanto para a dimensão do sujeito, no sentido foucaultiano do termo, ou seja, o do lugar de exercício da função enunciativa em uma formação discursiva. Em se tratando de uma ressonância interdiscursiva, fica compreendido o trabalho com uma concepção heterogênea de linguagem, pois, para definir como ressoam as unidades envolvidas, é fundamental que na descrição regrada de montagens discursivas, tal como propõe Pêcheux, sejam postos em jogo discursos-outros, como espaços virtuais de leitura do enunciado ou sequência descrita. Assim, o momento da interpretação emerge enquanto tomada de posição, reconhecida como efeito de identificações assumidas (e não denegadas). (SERRANI, 1993, p. 47)

Assim, a Serrani destaca que em seu entendimento as paráfrases ressoam significativamente na verticalidade do discurso e concretizam-se na horizontalidade da cadeia, através de diferentes

realizações linguísticas. Ela propõe uma distinção entre ressonâncias de significação em torno de *unidades específicas* (funcionamento parafrástico de unidades como itens lexicais, frases nominais etc.) e ressonâncias de significação em torno dos *modos de dizer* (efeitos de sentido produzidos pela repetição, em nível interdiscursivo, de construções sintático-enunciativas). Esta concepção de paráfrase como ressonância interdiscursiva leva ao conceito de heterogeneidade da linguagem, o que significa que a paráfrase é espaço virtual de leitura do enunciado ou sequência, lugar onde se colocam em jogo discursos outros e, desse modo, também outros possíveis sujeitos.

No caso da paráfrase intradiscursiva, o sujeito (compreendido como posição-sujeito) se identifica com os dizeres presentes na FD na qual estão inscritos. Nessa perspectiva, Pêcheux o enquadra na primeira modalidade que, de acordo com este autor,

consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito”, que reflete espontaneamente o sujeito. (PÊCHEUX, 1995, p. 215)

Assim, o discurso cujos dizeres repetidos produzem a manutenção do sentido pode ser caracterizado de discurso do “bom sujeito”, pois o sujeito (da enunciação) se identifica com a forma-sujeito, que regula os saberes da FD na qual ele se inscreve. E, apesar de muitas vezes essa identificação parecer plena, por apresentar uma relação de proximidade muito forte (como nos casos em que os sujeitos da enunciação se inscrevem na mesma FD, identificando-se com a mesma posição-sujeito e (re)construindo os mesmos sentidos), ainda assim, consideramo-la como parcialmente plena, visto que, conforme Cazarin (2007, p. 111), “a forma-sujeito regula, mas não garante a identificação plena”. Isso ocorre porque – no interior de cada FD - existe uma forma-sujeito responsável por regular os saberes da FD que, por sua vez, pode comportar distintas posições-sujeito.

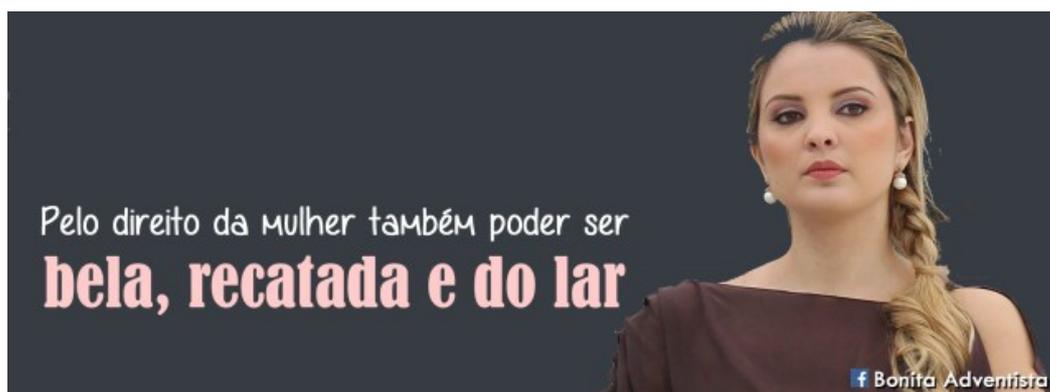
O Recorte 1 é formado por dois textos, cuja repetição se dá através da paráfrase intradiscursiva, considerando esta então quando há manutenção do sentido e, além disso, ocorre a identificação praticamente plena da posição-sujeito com a forma-sujeito da FD1, ou seja, no processo discursivo que se dá no interior de uma mesma FD. Foram analisados dois textos (T1 e T2), cuja aproximação justifica-se pelo fato de que ambos participam da mesma rede de saberes em que se inscreve a SDR, também porque se inscrevem em uma mesma posição-sujeito, embora marcando a diferença de saberes possível no interior da posição-sujeito, e identificam-se com a posição-sujeito da SDR. Sendo assim, ao analisá-los conjuntamente procuramos, durante o percurso, relacioná-los entre si e também com a SDR.

TEXTO 1



Fonte disponível em <<http://www.virtuosascomestilo.com.br/2016/05/edificando-verdadeiramente-bela-recatada-do-lar.html>> Acesso em: 13 de junho de 2016.

TEXTO 2



Fonte disponível em <<http://bonitaadventista.com.br/do-lar-e-livre.html>> Acesso em: 28 de setembro de 2017.

O texto 1 (T1), “Bela, Recatada e do Lar, sim. Qual o problema?!”, foi veiculado no *blog*²⁵ Virtuosas com Estilo, criado pela blogueira cristã Willyanne Lucena, no qual aborda assuntos ligados à virtude, ao estilo e aos princípios cristãos e visa como público-alvo a jovens e adolescentes cristãs. Do mesmo modo, temos o texto 2 “Pelo direito da mulher também poder ser bela, recatada e do lar”, publicado pela colunista Emanuelle Sales no *blog* Bonita Adventista²⁶, cujos temas tratados nesse blog também abordam o estilo de vida cristão. Tal publicação foi feita no dia 25 de abril de 2016, ou seja, uma semana após a publicação da *Veja* sobre Marcela Temer.

²⁵ Virtuosas com Estilo: *blog* disponível em <<http://www.virtuosascomestilo.com.br/2016/05/%20edificando-verdadeiramente-bela-recatada-do-lar.html>>. Acesso em 28 de agosto de 2017.

²⁶ Bonita Adventista: *blog* disponível em <www.bonitaadventista.com.br>, Canal disponível em <www.youtube.com/c/BonitaAdventistaOficial>. Acesso em 28 de agosto de 2017.

Assim, tanto o T1 quanto o T2 apresentam semelhante posicionamento que, em nosso entendimento, emergiram em resposta às manifestações contrárias produzidas através dos inúmeros *memes* que (re)significaram o sentido da SDR. A partir desses dois textos, constatamos que esta posição-sujeito está inscritas na FD1 e, dessa forma, compartilham dos saberes regulados pela forma-sujeito da SDR. Logo as compreendemos como “bons sujeitos”.

Analisando o T1, o sentido produzido por *Bela, Recatada e do Lar, sim. Qual o problema?!* emerge como forma de questionamento à FD externa que se opõe ao modo como a revista expôs a figura feminina – representada por Marcela Temer – e ao comportamento que a *Veja* imaginariamente 'espera' que as mulheres tenham. É importante destacar que, nas (re)produções dos textos 1 e 2, as aspas em *do lar* foram suprimidas e, dessa forma, nosso gesto de interpretação nos remeteu – nesse recorte - ao espaço doméstico, compreendido por nós tanto pelo fato de a mulher *não trabalhar fora* (que em nosso entendimento é o efeito de sentido produzido por “do Lar”, usado pela *Veja* ao se referir à Marcela, cuja função é a de *coordenar o lar*), quanto aos próprios *afazeres domésticos*.

Depreendemos – pelas marcas linguísticas deixadas no T1 – que há relação de paráfrase intradiscursiva, ou seja, a posição-sujeito de T1 se identifica com os saberes produzidos pela forma-sujeito da FD1, assim, através da palavra *sim*, há o efeito de sentido que retoma e reforça o produzido pela SDR, que afirma que sim, as mulheres podem ser belas, recatadas e aceitarem ocupar o espaço que lhes é destinado pela sociedade representada pela *Veja* e pelo patriarcado: o lar.

Tal posição-sujeito, além de externar que aceita essa imposição através do advérbio afirmativo *sim*, também o faz pela indagação *Qual é o problema?!*, como forma de confrontar uma FD externa, responsável por produzir o efeito de sentido que se opõe ao que é dito na FD1 e que, nesta pesquisa, é representado pelos textos que compõem o recorte 3.

Na pergunta *Qual o problema?!*, os sinais de pontuação – interrogação e exclamação, respectivamente - são pistas que apontam para um sujeito que realizou a pergunta para seu interlocutor e, ao mesmo tempo, externalizou sua surpresa.

Em se tratando do ponto de interrogação, tal sinal deixa em suspenso uma pergunta passível de resposta, ou seja, o sujeito do T1 deixa em aberto, de acordo com Grantham (2009, p. 142), “o espaço ínfimo que o autor destina ao leitor”. Ainda de acordo com a autora,

na origem, na escritura, a interrogação é da alçada do autor, mas no processo de leitura (...) o sujeito-leitor age sobre um lugar que fica vago especialmente para ele e que o joga para o interdiscurso. (...) Assim, a interrogação é sinal de incompletude do discurso, uma vez que inscreve nesse discurso um espaço lacunar. A interrogação também instaura uma forma de silêncio no discurso. (...) silêncio que fala por si mesmo, na medida em que, pelas pistas presentes no texto, permite

reconhecer o sentido que está sendo construído pelo sujeito-autor; mas, de forma paradoxal, este silêncio parece não dizer nada, parece ser um vazio completo, que só poderia ser preenchido pela interferência do interlocutor. A interrogação, portanto, instaura no discurso uma forma de silêncio que significa não a falta do que dizer, mas uma opção por não dizer. (GRANTHAM, 2009, p. 142-143)

Já com relação ao sentido, a interrogação, segundo Grantham (2009, p. 143), “abre um espaço para o sentido que parece ser totalmente aberto e imprevisível, mas que, na verdade, obedece também a uma previsibilidade”, e ela complementa apontando que isto ocorre (p. 143) “porque o sentido é construído sob determinadas condições e manifestam um cruzamento de discursos: do autor, do leitor, de outras posições-sujeito, de outras formações discursivas”.

Assim, entendemos que este espaço vazio deixado através do ponto de interrogação pelo T1 (inscrito na FD1) é destinado a ser preenchido pelo interlocutor inscrito na FD2, já que é nela que está inscrita a posição-sujeito que critica o que é dito na FD1. Dessa forma, estabelece-se então o contraponto entre FD2 e FD1, visto que T1 (*Bela, Recatada e do lar, sim. Qual o problema?!)* emerge em resposta a uma FD externa, que critica os saberes produzidos pela FD1 e que nesta pesquisa está representa – por exemplo – pelo T7 (*Bela, desbocada e do bar* – analisada mais adiante) - inscritos na FD2.

Assim, compreendemos que a posição-sujeito do T1, ao indagar o interlocutor do T7 (entre outros que também se inscrevem na FD2), afronta-o e o interpela, mas, ao mesmo tempo, demonstra seu posicionamento através das pistas deixadas no seu discurso. Se no T1 a posição-sujeito se impõe de forma mais radical (*sim / Qual o problema?!)*, no T2, esta se mostra mais comedida, mais sensata (Pelo direito de *também* poder ser Bela, Recatada e do Lar), visto que o uso do item lexical *também* produz o efeito de sentido de que a mulher tanto tem o direito de ser “bela, recatada e 'do lar'”, quanto de querer ser outra coisa, de agir de outra forma.

Consideramos T2 uma paráfrase intradiscursiva pelo fato de a posição-sujeito – mesmo tendo produzido um discurso amenizador – ainda assim se inscreve na mesma FD da SDR e do T1, compartilhando dos mesmos saberes estabilizados da FD1. Ainda pelas condições em que se deu tal (re)produção, já que foi veiculado em um blog evangélico, no qual as mulheres representadas ideologicamente escolheram seguir a vida em conformidade com os padrões morais e éticos da sociedade conservadora.

Ainda no que tange à análise do T2, o sentido se dá também pela imagem de Marcela Temer. Sendo assim, para esta pesquisa, a imagem será considerada como discurso e compreendida como materialidade discursiva, já que, conforme nos destaca Fernandes (2015, p. 68), “a imagem não é só corpo, nem só ‘mensagem’, ela é o material bruto da relação entre o sujeito e a exterioridade, entre linguagem e história, entre intenção e imaginação, ou seja, é ideológica assim como a língua”.

Nessa perspectiva, compreendemos que a posição-sujeito do T2 se inscreve na mesma FD da SDR, visto que o não-verbal (representado pela imagem de Marcela) e o verbal (representado por *Pelo direito da mulher também poder ser bela, recatada e do lar*) reforçam o sentido produzido pela SDR ao (re)produzir, através do seu discurso, o efeito de sentido o qual aponta que as mulheres cristãs, adventistas, também têm o direito de escolher ser bela, recatada e de ficarem em casa, cuidando do lar, do marido, dos filhos e não serem julgadas por isso.

Destacando o não-verbal, apontamos que a imagem de Marcela emerge como uma representação dessas mulheres que veem nela um modelo de beleza e de recato com o qual se identificam. Além disso, Marcela é retratada de forma imponente, como se demonstrando satisfação em ocupar a liderança dessa “causa”, que defende a beleza, o recato e o lar, da forma como é defendido/apontado/produzido pela sociedade conservadora e, neste caso específico (já que o *blog* aborda temas evangélicos) pela Igreja.

Assim, depreendemos que as posições-sujeito que constituem T1 e T2 filiam-se à mesma FD da SDR, quando apontam não haver problema em a mulher ser bela, recatada e do lar. O estereótipo da mulher apresentado pela revista é compactuado pelos sujeitos desses dois textos, pois compartilham da mesma ideologia presente na FD1.

Sendo assim, há aliança entre posições-sujeito na FD1. Da mesma forma como emergiram textos que mantiveram o sentido e se inscreveram na mesma FD na qual se inscreve a SDR, também outros textos foram (re)produzidos e, apesar de permanecerem na FD1, produzem – em relação à SDR – deslizamento de sentido, situação esta a qual Grantham classifica como paráfrase discursiva.

6.3 RECORTE 2: Paráfrase discursiva e o deslizamento de sentido – Conflito na FD1

A paráfrase discursiva, em nossas análises, é também ancorada na classificação desenvolvida por Grantham, que a considera como espaço do deslizamento de sentido, ou seja, ocorre quando os sujeitos, de acordo com o que aponta a autora (2009, p. 184-185), “alteram o sentido construído em TO.

No entanto, tal transformação não é suficiente, no entanto, para que ocorra uma mudança de FD, na identificação com uma matriz de sentido diferente daquela com que se identifica o sujeito-autor de TO”. Já a tomada de posição, nessa perspectiva, se dá através da contraidentificação e caracteriza o discurso do sujeito da enunciação.

Esse discurso enquadra-se no que Pêcheux chamou de segunda modalidade de tomada de posição e caracteriza o discurso do “mau-sujeito”, compreendido, conforme destaca o autor, como o

discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta etc.) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”*: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. (PÊCHEUX, 1995, p. 215).

Compreendemos, então, haver a possibilidade de ocorrer tomadas de posição que discordam, divergem e, dessa forma, instaura-se a diferença de saberes no interior de uma mesma FD.

O recorte 2 é formado por dois textos, cuja repetição se dá através da paráfrase discursiva - compreendida neste ponto da pesquisa como uma das divisões da paráfrase (juntamente com a paráfrase intradiscursiva e paráfrase interdiscursiva) e refere-se ao deslizamento do sentido e à contraidentificação da posição-sujeito com relação à SDR.

O Texto 3 (T3), “Bela, Recatada e do Lab”, produz o (efeito de) sentido que remete à mulher que pode ser “Bela, Recatada, mas que produz, trabalha fora (do lar); já no Texto 4 (T4), “Você pode substituir Bela, Recatada e do Lar por Bela, Empoderada e participativa da vida pública, por exemplo”, o sentido produzido é o de que a mulher pode ser “Bela, não precisa ser recatada, mas empoderada, e pode trabalhar (fora do lar)”.

Em primeiro lugar, apresentamos os textos analisados individualmente e, em seguida, relacionamo-los entre si e com a SDR. Compreendemos também que ocorre entre esses dois textos e a SDR o mesmo e o diferente, visto que o mesmo se dá através da permanência na mesma FD da SDR (ou seja, FD1), e o diferente encontra-se no fato de haver contraidentificação dos sujeitos com a forma-sujeito que regula os saberes de cada FD e também através do deslizamento que ocorre em se tratando do sentido.

Dessa forma, partimos de um gesto de interpretação que nos levou ao campo da paráfrase discursiva, visto que compreendemos haver o deslizamento do sentido. Assim, os sujeitos do recorte 2, ao reescreverem a SDR, mantêm-se na mesma FD, no entanto, assumem uma posição-sujeito diferente da posição-sujeito da SDR. E também uma posição-sujeito diferente daquela assumida pelos sujeitos do recorte 1.

Tomamos primeiramente para análise o Texto 3 (T3) – *Bela, Recatada e do Lab*.

TEXTO 3



Fonte disponível em <<http://piadasnerds.etc.br/bela-recatada-e-do-lab/>>
Acesso em: 13 de junho de 2016

No Texto 3 (T3) “Bela, Recatada e do Lab”, o sentido produzido remete à mulher que é bela, recatada, mas que trabalha fora (do lar), produz. A figura feminina marcante e que comprova que a mulher não reproduz a imagem de “sexo frágil” que a sociedade androcêntrica procura cristalizar é a da cientista polonesa Manya Skłodowska Curie (conhecida como Marie Curie), primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Física, e a primeira mulher professora na Sorbonne. Ela descobriu e isolou os elementos químicos, o polônio e o rádio. Graduiu-se em Física (1893) e em Matemática (1894), fez mestrado em Física e, no ano seguinte, ficou em segundo lugar no mestrado em Matemática. Em 1911, tornou-se a primeira personalidade a receber um segundo Prêmio Nobel, desta vez pelas experiências sobre as propriedades químicas das substâncias radioativas.

Neste texto (T3) - assim como o fizemos no T2 - o verbal (*Bela, Recatada e do Lab*) e o não-verbal (imagem de Marie Curie) são responsáveis pela produção do sentido, que é deslizado através da substituição de “do lar” por “do lab”, pois o efeito de sentido produzido por T3 demonstra que a mulher pode ter sucesso em outra área - no caso de Curie, área científica – ou seja, mostra a mulher em um ambiente de trabalho que não apenas o lar.

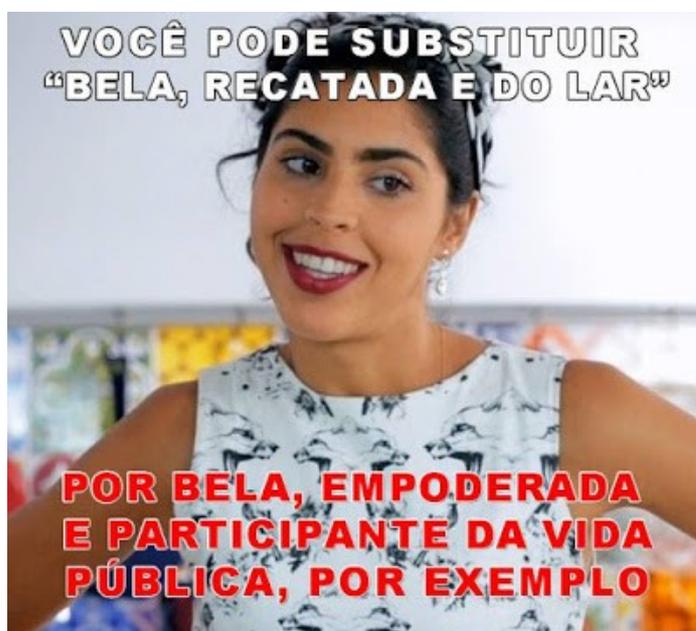
Dessa forma, o confronto entre T3 e a SDR se dá pelo fato de T3 apontar – através da locução adjetiva “do lab” – que a mulher pode ocupar o lugar que quiser, inclusive o laboratório, se assim o desejar. Ao reproduzir o discurso da SDR, T3 traz a imagem de uma mulher cientista que contribuiu enormemente para a ciência através de suas descobertas em uma época em que não era comum

mulheres na área de pesquisa sobre radioatividade, no qual Marie Curie foi pioneira.

Assim, a associação do verbal e do não-verbal produz o efeito de sentido que desliza, que se choca com o que é apontado pela revista, já que a figura da mulher apresentada por T3 foge do modelo padrão apontado pela *Veja*; além disso, a substituição de “do lar” por “do lab” implica mais do que uma simples troca lexical, mas a alteração de sentido, ao passo que, em vez de restringir o lar como o lugar que é destinado às mulheres idealizadas pela sociedade conservadora, em “do lab” vemos o espaço sendo ampliado, ou seja, a mulher pode ser “do lar”, mas também ser “do lab”.

Com relação ao T4, o deslizamento de sentido – em relação ao produzido pela SDR - se dá através da possibilidade de a mulher trabalhar fora, lutar pelos seus direitos, ser engajada politicamente, e ir em busca de sucesso na sua vida. Vejamos a seguir a análise.

TEXTO 4



Fonte disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461175399_885009.html>
Acesso em: 13 de junho de 2016.

Com relação às palavras e expressões que compreendem a SDR e que acabaram por ser substituídas, destacamos que isso ocorre pelo fato de que elas não significam por si mesmas, mas têm seus sentidos produzidos em relação às condições de produção do discurso, que compreenderá, como nos diz Orlandi (2015, p. 28), “fundamentalmente os sujeitos e a situação”.

Na análise realizada, percebemos que a repetição, não necessariamente termo a termo, nos levou à (re)significação, apontando, dessa forma, que houve movência de sentido. Sendo o sujeito da AD interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, ele acredita ser o dono de seu dizer, de que o

discurso “nasce” nele, porém, de acordo com Orlandi (2015, p. 33), “quando nascemos, os discursos já estão em processos e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós”, em suma, o que acontece na realidade é que o sujeito apenas retoma sentidos pré-existentes.

Nessa perspectiva, T3 aponta que a mulher pode ser *bela, recatada* e trabalhar fora (ser “do lab”), por exemplo, ter uma profissão e exercê-la. Já no T4, compreendemos que o sentido produzido é de que a mulher pode ser bela, mas também empoderada, ter o direito de fazer suas escolhas e de se comportar como desejar e ainda assim ser respeitada; e também que o lar deve servir como opção ou complementação, não uma imposição de espaço único e exclusivo de ser ocupado pela mulher, do mesmo modo que a política não deve ser um lugar exclusivamente masculino, por isso a sugestão de que a mulher pode e deve participar mais da vida pública, ser engajada, buscar seu espaço nesse campo que ainda é ocupado, em sua imensa maioria, por homens.

No atual Governo, por exemplo, Temer, ao tomar posse, formou sua equipe com 24 ministros homens e nenhuma mulher. Por esse motivo, sofreu inúmeras críticas e demonstrou através dessa ação que em seu governo não há espaço para as mulheres, pelo menos no que se refere a decisões importantes, que envolvam o futuro da Nação.

No entanto, é importante destacar que, apesar de a primeira-dama ser uma das poucas figuras femininas representadas nesse governo, a ela cabe apenas cuidar do Programa Criança Feliz, que é voltado à prática do assistencialismo ao povo menos favorecido, ou seja, não há uma participação efetiva, voltada aos interesses das mulheres, por exemplo, e é esse engajamento político e social que é reclamado/sugerido pelo T4.

Dessa forma, no T4, assim como em T3, também depreendemos haver paráfrase discursiva, pois – embora a posição-sujeito permaneça na FD1 - ocorrem o deslizamento de sentido e a contraidentificação dos sujeitos com a forma-sujeito que regula os saberes da FD1. Assim, compreendemos que tanto no T3 quanto no T4, existe um conflito que se estabelece no interior da FD1. Contudo, além da manutenção e do deslizamento de sentido (re)produzidos pelos textos analisados nesta pesquisa, existem também os que têm o sentido deslocado e, desse modo, instaura-se o antagonismo entre FDs (através da FD1 e FD2) e a não identificação da posição-sujeito.

Vejamos a seguir como ocorre o deslocamento de sentido.

6.4 RECORTE 3 – Paráfrase interdiscursiva e o deslocamento de sentido – Confronto entre FD1 e FD2

A noção de paráfrase interdiscursiva é desenvolvida por Grantham (2009, p. 235), que destaca que esta é “uma paráfrase em que o interdiscurso se atravessa e se interpõe na leitura de tal forma

que o dizer, transformado, não cabe mais na formação discursiva que, ilusoriamente, lhe deu origem, e precisa deslocar-se para outra formação discursiva”.

Tal ruptura de sentidos, nesta pesquisa, é compreendida como o deslocamento de sentido, no qual a posição-sujeito, pela tomada de posição, não se identifica com a FD na qual está inscrita a SDR. Assim, depreendemos que a paráfrase interdiscursiva é encontrada no espaço no qual há a instauração do diferente nesse universo de repetição, não um diferente que remete a um deslizamento, mas a um deslocamento, visto que o sujeito não compartilha da mesma FD, e sim, faz parte de uma FD antagônica, que se opõe a tudo o que cerca a FD na qual se inscreve o sujeito da SDR.

Neste trabalho, os textos analisados nesta perspectiva apresentam posições-sujeito que se inscrevem na FD2 e acabam por produzir o sentido de resistência aos saberes produzidos na FD1 que, por sua vez, reproduz sentidos estabelecidos.

O recorte 3 é formado por seis imagens, cuja repetição se dá através da paráfrase interdiscursiva, que ocorre quando o sentido produzido pela SDR é rompido, dando lugar a outro, que o contradiz. Esses textos foram divididos em sub-recortes, levando em conta os diferentes efeitos de sentido produzidos em comparação ao da SDR.

Partindo para a análise dos textos que compõem o recorte 3, reforçamos que o processo que está em jogo nesta relação envolve os tais textos que, ao estabelecerem o encadeamento com a SDR, geram o efeito de sentido que só é possível porque já se deu previamente em outros discursos, em outras condições de produção e que ressoam (re)significadas. Dito de outra forma, esses textos significam em relação ao sentido já-dito na memória em que se encontra a SDR.

Dessa maneira, analisando-os, constatamos que, além da retomada da SDR (re)configurada, há também a ruptura, já que tais textos emergem produzindo sentido antagônico do produzido pela SDR e, assim, estabelecendo nesse processo relações de força.

Sabemos que a ideologia nos faz assumir posições e que é através do nosso discurso que revelamos nossa posição ideológica, dessa maneira, compreendemos que a relação estabelecida entre as posições-sujeito responsáveis pela (re)produção dos textos que compõem o recorte 3 e a posição-sujeito da SDR (*Bela, Recatada e "do Lar"*) é de antagonismo, visto que o modo como se relacionam com a forma-sujeito que regula os saberes da FD (na qual se inscreve SDR) é distinto. Dito de outra forma, as posições-sujeito que (re)produzem esses textos não concordam com a maneira com a qual a posição-sujeito da SDR “expõe” a figura feminina. E é através de marcas (verbais e não-verbais) deixadas nessas (re)produções que foi possível fazermos este gesto interpretativo.

De acordo com Costa²⁷, a AD não trabalha com marcas formais, mas parte delas para explicitar efeitos de sentidos provocados a partir da relação de tais marcas com as propriedades discursivas (língua, história, exterioridade). Para tanto, é necessário identificar indícios, pistas, vestígios deixados na materialidade discursiva do texto, marcados por traços ideologicamente interpretáveis.

Apresentamos a seguir os sub-recortes que constituem o recorte 3, analisando-os separadamente para, ao final desse tópico, relacionarmos com a SDR.

6.4.1 Sub-recorte 1 – A denúncia da corrupção pelo viés da ironia

Abaixo, apresentamos a análise do Texto 5 (T5) considerando nosso gesto de interpretação que levou ao efeito de sentido que remete à corrupção e, dessa forma, rompe com o sentido produzido pela SDR.

TEXTO 5



Fonte disponível em <<http://arspublica.com.br/republica-do-estupro/>>
Acesso em 13 de junho de 2016.

Em se tratando do T5, temos a sequência “Bela, Recatada e Dólar” conjuntamente com a imagem do então presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Consentino Cunha²⁸, antes da

²⁷ Greciely Cristina da Costa. Designação em Falcão – meninos do tráfico: modos de significar (2008).

²⁸ Eduardo Consentino Cunha será tratado no decorrer da análise da SD1 apenas por Eduardo Cunha ou apenas Cunha.

cassação²⁹ de seus direitos políticos, e de sua esposa, a jornalista Cláudia Cordeiro Cruz³⁰. Para esta pesquisa, consideramos tanto o verbal quanto o não-verbal, pois – em nosso entendimento – é a complementação que resulta dessa relação a responsável pelo sentido produzido pelo T5.

Assim, acreditamos importante expormos as condições de produção da qual emergiu esse discurso. Na época em que tal discurso foi (re)produzido, Cunha era acusado pelo Conselho de Ética da Câmara, que aprovou o pedido de cassação do parlamentar, sob a alegação de ter mentido sobre suas contas bancárias no Exterior. Porém, foram localizadas pela Procuradoria Geral da República contas secretas na Suíça, na qual Cláudia Cruz aparecia como uma das titulares, e também diversos extratos que comprovaram gastos no período de 2013 a 2016 que, de acordo com o procurador da República Rodrigo Jabor, demonstraram “despesas completamente incompatíveis com os rendimentos lícitos declarados do denunciado e seus familiares”. Além disso, durante a investigação, foi descoberto que Cláudia Cruz, ao abrir uma conta secreta em um banco da Suíça, se autodenominou “dona de casa”.

Desse modo, o T5 emergiu como uma (re)produção irônica da SDR, pois brinca com esse enunciado a fim de produzir outro sentido – o de denúncia da corrupção. Também é estabelecida uma relação entre a locução adjetiva “do Lar”, que aparece na revista *Veja* vinculada à imagem de Marcela Temer, à autodenominação utilizada por Cláudia Cruz (dona de casa, ou seja “do Lar”), e com a palavra “dólar”, referindo-se a seus gastos no exterior e conseqüentemente à principal moeda utilizada nas transações internacionais.

No T5, entendemos que o sujeito-autor, sob efeito da memória discursiva, mobiliza o sentido produzido pela SDR e faz ressoar, em seu discurso, pela repetição, e através da sua (re)formulação *Bela, Recatada e Dólar*, o efeito de ironia e de denúncia. Assim, a substituição de “do Lar” por “Dólar” não constitui, portanto, uma simples troca lexical, mas produz uma crítica social de forma irônica. Para Orlandi, a reflexão sobre a ironia leva à compreensão de que, no estudo da significação, importa tanto o que é construção como o que é processo de autodestruição do sentido.

Para a autora (1986, p. 67), a ironia “é um desses lugares em que o processo de autodestruição do sentido mostra seu funcionamento”. Ainda segundo ela (1986, p. 84), na ironia “joga-se com a relação entre o estado de mundo tal como ele se apresenta já cristalizado – os discursos instituídos, o senso comum – e outros estados de mundo”.

O sujeito parte então do instituído – o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* – do sentido estabelecido para esse enunciado, e produz como efeito de sentido o escárnio. Nessa perspectiva, a autora vê a ironia como um tipo de discurso, um processo de significação que ela chama de irônico,

²⁹ Eduardo Consentino Cunha teve seu mandato parlamentar cassado pela Câmara dos Deputados no dia 12 de setembro de 2016.

³⁰ Cláudia Cordeiro Cruz será tratada no decorrer da análise da SD1 por Cláudia Cruz.

cuja particularidade é beneficiar-se da dúvida, é estabelecer um espaço de linguagem em que não só simulações, mas também alusões podem ser desenvolvidas. E é o fato de haver a SDR que faz ressoar no T5 o discurso-outro, o já-dito. Tal constatação nos remete a Orlandi (2015, p. 30), quando a autora afirma que “há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo, que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscursos ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação”.

A posição-sujeito do T5 produz um efeito de sentido diferente do da FD1, pois, apesar de apresentar o mesmo contexto político, emerge a fim de romper com a ideia de seriedade do presidente da Câmara (à época, Eduardo Cunha), vem em resposta direta, escancara a verdade, brinca com a situação política de então. Dessa forma, a posição-sujeito rompe totalmente com a FD1, pois não se identifica com os saberes da FD1, contrapondo-os.

6.4.2 Sub-recorte 2 – Mulheres 'femininas' e independentes

Neste sub-recorte, a imagem da mulher “recatada” - representada na SDR – é desconstruída, dando lugar à mulher que bebe, trabalha, é desbocada, sensual, ou seja, tanto no T6 quanto no T7, o efeito de sentido acaba rompendo com o produzido na SDR.

TEXTO 6



Fonte disponível em <https://mulpix.com/instagram/cerveza_beer_gelada_cerveja.html> Acesso em: 28 de agosto de 2017.

TEXTO 7



Fonte disponível em <<http://papelcraft.com.br/caderno-a4-180-fls-bela-desbocada-e-do-bar>>
Acesso em 08 de setembro de 2017.

Com relação ao Texto 6 (T6), o mesmo emerge assim como os demais que compõem o recorte 3, contrapondo-se ao sentido produzido pela SDR. Tal distanciamento nos revela que a posição-sujeito presente no T6 também se opõe ao discurso produzido pela revista *Veja*, no qual o efeito de sentido produzido expõe – de modo quase impositivo - o comportamento da mulher na sociedade conservadora, ou seja, aponta como ela deve ser, o modelo a ser seguido/copiado. Nele, a SDR aparece reformulada, já que aponta a mulher como “Bela, Recatada”, mas não mais “do Lar”, e sim “do Bar”. O discurso reformulado emerge conjuntamente à imagem de *Rosie the Riveter*³¹ (Rosie, a Rebitadeira), ícone cultural dos Estados Unidos da América, criado para lançar a campanha *We Can Do It!* (Nós podemos fazer isso!) a fim de motivar as mulheres trabalhadoras enquanto a força operária masculina do país estava em combate na Segunda Guerra Mundial.

Na época, a imagem nada tinha a ver com o empoderamento feminino e era restringida à propaganda antigreve da empresa *Westinghouse*. Somente a partir de 1980, o cartaz foi reativado e ganhou o nome *Rosie the Riveter* sendo usado para promover o feminismo, o poder econômico das mulheres e outros temas políticos. No cartaz, há uma mulher que trabalha flexionando seus músculos, apontando, dessa forma, para a nova força de trabalho, tão necessária nas fábricas no período da guerra e, pela primeira vez na história do país, elas tornavam-se uma força econômica a ser considerada.

³¹ Rosie the Riveter – Fonte disponível em <<http://benditabf.com.br/2015/06/20/we-can-do-it-inspiracao-feminista/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

No T6, o efeito de sentido produzido remete à busca pela igualdade de direitos, tão almejada pelas mulheres feministas e que nesse T6 é representada por essa imagem que se tornou um ícone na luta pelos direitos das mulheres, ou seja, pela possibilidade de a mulher poder fazer suas escolhas. O imagético contribui na produção do sentido, visto que a maneira como a figura da mulher é apresentada é bem diferente. Na SDR, temos a imagem da mulher bem vestida, bem penteada, com um ar sereno, delicado, quase angelical, em uma pose elegante, de recato; já no T6, a imagem que aparece representa uma mulher trabalhadora, que está vestida de macacão – que serve como seu uniforme de trabalho, usa um lenço na cabeça, flexiona os músculos como forma de simbolizar a luta que a mulher vem travando ao longo dos anos em busca do empoderamento.

Mesmo que a imagem presente no T6 tenha sofrido alteração, já que no cartaz emblemático original de *Rosie the Riveter* não há nem o pôster nem o copo de cerveja, estes foram acrescentados como forma de – aliados a essa imagem – produzir o sentido de que a mulher pode ser/estar bela, mesmo vestindo-se de forma não tão feminina, de que não necessariamente precise ocupar somente o espaço doméstico, que a ela cabe trabalhar fora de casa, produzir assim como os homens e ter o direito, assim como eles, de ir a um bar e tomar sua cerveja após o trabalho sem que essa ação seja criticada e digna de julgamento diante do imaginário conservador pela qual transita o ideal de mulher pregado pela sociedade patriarcal, propagado pela *Veja* através de seu discurso “bela, recatada e 'do lar’”.

Para este trabalho, interessa-nos analisar a imagem, porém, também em uma perspectiva discursiva e, com base no que apontam Ernst & Quevedo (2013, p. 269), a quem “importa a materialidade (no caso, visual) do sentido, para o que concorre nosso gesto de análise a partir dos procedimentos que interpretem a relação do sujeito, do leitor ou analista, com a imagem como acontecimento a ser lido (visto)”. Ainda de acordo com esses autores,

Tendo por escopo justamente esse investimento significativo, o dispositivo teórico-analítico deve atravessar a imagem em sua opacidade historicizad(or)a, reparando-a em seu trajeto de leitura; na memória em que se estabelece para aquela imagem-texto a condição do legível (visível) em relação ao próprio legível (visível). (ERNST & QUEVEDO, 2013, p. 269)

Desse modo, compreendemos que tanto a imagem que constitui o T6 quanto a que constitui o T7 são essenciais na produção do sentido, visto que estabelecem um confronto 'direto' com a imagem de Marcela, presente na SDR. Isto posto, entendemos que T6 e T7, ao deslocar o sentido, demonstram que a posição-sujeito não se inscreve na mesma FD da SDR (ou seja, na FD1), fazendo parte de outra FD (a qual nomeamos nesta pesquisa de FD2) e, assim, ocorre entre essas FDs (FD1 e FD2) uma relação de antagonismo, cujos saberes são regulados por formas-sujeito distintas, que

acionam no interdiscurso – através da memória discursiva – aquilo que pode (e deve) ser dito, ao passo que deixa de 'fora' o que não lhe é permitido ser dito. Há um confronto da FD2 com a FD1.

Assim, entendemos que tal libertação feminina aparece também reproduzida no discurso presente no T7 através da posição-sujeito, que é compreendida aqui, conforme destaca Cazarin (2007, p.109), como aquilo que “imaginariamente representa o 'lugar' em que os sujeitos estão inscritos na estrutura de uma formação social”. Tal oposição é justificada através da imagem de Marilyn (considerada um símbolo sexual), conjuntamente com as marcas linguísticas “desbocada” e “do bar” que respectivamente substituem “recatada” e “do lar” e, dessa forma, fazem emergir o não-dito, (re)significando o sentido presente na SDR, contrapondo-a.

A não identificação do sujeito evidenciada pelo T7 aponta o surgimento de uma nova posição-sujeito dentro da FD2 e, apesar de a revista *Veja* fazer circular saberes sobre o ideal de mulher recatada e do lar, ocorre a resistência que desestabiliza os sentidos (ilusoriamente) homogêneos pela SDR e, assim, acaba por produzir um efeito de sentido que aponta uma mulher sensual, desbocada, que bebe e que, por ter esse comportamento, remete-nos a uma mulher extrovertida e independente.

Assim sendo, depreendemos que o não-dito pela revista, o silenciado, é que a mulher que não se enquadra nesse arquétipo exposto pela *Veja* – de mulher “bela, recatada e 'do lar'” - não é digna de ser respeitada, daí uma possível causa de terem emergido em resposta a essa SDR diversos *memes*, cujas (re)produções “dizem” exatamente aquilo que a sociedade conservadora quer omitir, que é o fato de a mulher ser o que ela quiser, do modo que quiser, que o recato não seja uma imposição ou sirva de padrão pré-estabelecido, mas que seja uma opção, dentre outras também possíveis.

Esse dito não cabe na FD discursiva na qual se inscreve a posição-sujeito da SDR, já que os saberes dessa FD são regulados por uma forma-sujeito de cunho conservador, na qual a resistência à mudança - entre elas a liberdade e evolução buscadas pela mulher - ainda está muito enraizada e presente na sociedade tradicional.

A substituição de palavras realizada pela posição-sujeito do T7 aponta uma contraposição entre os dizeres, ou seja, não há concordância com o que é dito pela SDR e apontado no T7, compreensão dessa forma a partir da palavra “desbocada” e da locução adjetiva “do bar” que substituíram respectivamente “recatada” e “do lar”, e que causam tensão justamente pela sua significação, pois há o retorno ao imaginário popular ocidental de como deve se comportar uma mulher “recatada”, de forma tímida, discreta, refinada, que faz uso de um vocabulário sem palavrões, o que é totalmente o oposto do que é ser “desbocada” que, conforme consta no

Michaelis³², remete “àquele que usa linguagem grosseira, geralmente repleta de palavrões”, ou seja, qualificações que se referem ao desaforo, à obscenidade e ao uso de um vocabulário vulgar.

Já a locução adjetiva “do lar” retoma a imagem da mulher do século XIX, retratada pela literatura e vivenciada pela sociedade daquela época, pois em sua grande maioria as mulheres eram privadas dos estudos e preparadas apenas para realizar tarefas estritamente domésticas, ignorando assuntos políticos, sociais e econômicos, já que eram altamente dependentes de seus cônjuges. Por outro lado, a locução adjetiva “do bar” faz referência a um lugar de diversão, frequentado por mulheres independentes, que lutaram pela libertação da condição de subjugada ao homem, apontado pelo discurso da SDR.

Se os sujeitos inconscientemente são interpelados pela ideologia (que é constitutiva do dizer) e, dessa forma, acabam por se inscrever em uma determinada formação discursiva, é possível depreender que a posição-sujeito do T7 está inscrita em uma FD que é desfavorável ao discurso produzido pela *Veja*, é contrária ao modo como é apontada a mulher pela revista. Ao realizar a troca dos itens lexicais, que representam mais do que simples substituições de palavras, mas outro sentido, o T7 justifica sua oposição à SDR e, conseqüentemente, à FD na qual esta se inscreve.

O sentido não está nas palavras, mas na relação estabelecida entre sujeito/ideologia/língua/história, materializando-se no discurso. Conforme Orlandi:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. (ORLANDI, 2015, p. 45)

A locução adjetiva “do Lar” remete no nosso imaginário o “lugar” da mulher que representa a dona de casa, ou seja, aquela que cuida dos afazeres do lar; também à esposa, à mãe. A definição da palavra “lar”, considerando o que nos apontam Luft (2000) e Ferreira (1977), é compreendida como “casa de habitação familiar, lugar na cozinha onde se acende o fogo”, dessa forma, entendemos que é nesse “lugar” que a revista *Veja* – cuja posição-sujeito ideologicamente se inscreve em uma FD de cunho conservador - coloca a mulher. E já há muito tempo a imagem feminina está atrelada ao lar, pois, em uma sociedade conservadora, em que há uma disparidade na relação de forças, existe a necessidade de sempre reforçar que é (dentro d) o lar o lugar que a mulher deve ocupar, cuidando dos filhos, do marido e das lidas domésticas.

Compreendemos que o dizer produz sentido porque a língua se inscreve na história, que para

³² Dicionário Michaelis (on-line): disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/palavra/beLA/desbocado/>> Acesso em 22 de setembro de 2017.

que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham feito sentido e, assim, é fundamental que percebamos que o que é dito em um discurso, o modo como é dito, por “quem” é dito deve estar sempre relacionado às condições de produção desse discurso como também à historicidade. Nessa perspectiva, a análise da locução “do bar” - que emerge no T7 em substituição à locução “do lar” - ultrapassa sua etimologia, pois, aponta para além de ser um “estabelecimento de bebidas onde se bebe quase sempre de pé ou sentado em bancos altos junto de um balcão”, como consta no Dicionário Aurélio³³, passando a ser um lugar “proibido” de ser frequentado pelas “mulheres de bem” (cujo lugar imposto pelo conservadorismo é o lar).

Além disso, o bar nos remete a um local de diversão, convívio, descontração e assim associado a um lugar que aponta para a liberdade da mulher que o frequenta, e essa independência feminina é tomada pela sociedade conservadora como uma afronta, um desrespeito à moral e aos bons costumes pregados pelo modelo patriarcal.

As mulheres representadas nos *memes* ocupam o espaço que socialmente é reservado ao homem: o público, tanto que no T6 a figura feminina remete à mulher que trabalha fora, que tem salário, que produz, e em ambos os textos (T6 e T7), ela sai para beber e, se quiser, também pode ser desbocada. Assim, ao substituir "recatada" por "desbocada" e "do lar" por "do bar", a posição-sujeito produz um deslocamento de sentido em relação à SDR.

Isto posto, depreendemos que em ambos os textos há o efeito de sentido que remete à contestação de que o problema não está em a mulher ser bela, recatada e/ou do lar, e sim em essas serem qualidades impostas de como as mulheres devem se ser/comportar para que mereçam respeito, é julgar esse modelo como padrão.

6.4.3 Sub-recorte 3 – Mulheres feministas e empoderadas

No sub-recorte 3, o efeito de sentido produzido se dá através da resistência representada pelos textos 8 e 9, cujas imagens são consideradas fundamentais na produção de sentido, conjuntamente com seus respectivos discursos, *Bela, Recatada e “do Lar”* (SDR reproduzida no T8), e em *Bela, recatada e do lar?* (cuja indagação se dá através do sinal de interrogação) e *Não sou obrigada!* (que remete a um discurso utilizado pelo feminismo³⁴), ambos do T9.

³³ Dicionário Aurélio Virtual: disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/bar>, acesso em 11 de setembro de 2017.

³⁴ Feminismo: Movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades destes. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcal, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual.) Conteúdo disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/feminismo/>. Acesso em 10 de outubro de 2017.

TEXTO 8



Fonte disponível em: <<http://escrevendoomundounip.blogspot.com.br/2016/05/analise-de-discurso-artigo.html>> Acesso em 08 de setembro de 2017.

TEXTO 9



Fonte disponível em <<http://belasarcastica.blogspot.com.br/2016/04/revista-veja-marcela-temer-bela.html>> Acesso em: 30 de agosto de 2017.

O discurso “Bela, Recatada e do Lar” emerge no T8 (re)significado, já que a posição-sujeito, ao tê-lo associado à imagem de Frida Kahlo nua, produz o efeito de sentido que remete à mulher que não se enquadra nos padrões apontados pela sociedade conservadora, e extrapola com a imagem de recato apontado pela posição-sujeito da *Veja*.

Esse confronto ocorre, segundo Ernst & Quevedo (2013, p. 270), devido ao fato de que “a imagem nunca é exterior ao sujeito, mas sim a materialidade de um jogo de sentidos entre os

lugares dos sujeitos colocados em A e em B, o produto discursivo de uma relação de forças entre esses lugares”.

Assim, no T8, a imagem de Frida representa o rompimento com os padrões estabelecidos de mulher ideal, ou seja, com os valores intrínsecos que permeiam as palavras “bela, recatada e 'do lar'”. O discurso presente no T8 emerge representando a resistência ao que é dito na FD1. Vale lembrar que Frida Kahlo³⁵ foi uma mulher intensa, tanto no modo de agir quanto na maneira de se expressar. Mulher guerreira, Frida conduziu sua vida de maneira vigorosa, e defendeu seus ideais revolucionários e feministas de forma ímpar. Ela não se restringiu ao espaço doméstico, teve uma trajetória de sucesso conseguida através da arte, e representa – no T8 – as mulheres que se destacam por sua determinação e força.

Em se tratando de beleza, Frida expressava-se através das roupas de cores vibrantes, flores no cabelo e penteados trançados e presos. Tinha uma beleza por muitos contestada, porém, como ela mesma afirmou, *la belleza y la fealdad son un espejismo porque los demás terminan viendo nuestro interior*³⁶ (a beleza e a feiura são uma miragem, pois os outros sempre acabam vendo nosso interior). E foi de seu interior que emergiu a mulher aguerrida na qual ela se tornou e a percepção de que o belo não é representado apenas pelos aspectos físicos, mas – e principalmente – pelas mulheres que lutam por seus direitos e resistem aos padrões pré-estabelecidos.

Em relação ao gesto de interpretação, tomamos como base Ernst & Quevedo (2013, p. 268), que apontam que “o gesto de olhar é fundamentalmente um trabalho de leitura, é realizado sempre por um sujeito histórico, atualizado no sujeito empírico/indivíduo, a partir de uma dada posição de interpretação e sob dadas condições de produção”, assim, através de nosso gesto de interpretação, compreendemos que o texto em análise produz o efeito de sentido diferente do produzido pela SDR exatamente por, no T8, ser praticamente produzido pela imagem de Frida Kahlo.

Destacamos, então, que – se as palavras/expressões/proposições – segundo aponta Pêcheux (1995, p. 160), “recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”, o mesmo ocorre com relação à imagem, visto que, conforme nos aponta Ernst & Quevedo (2013, p. 270), “o que a imagem 'mostra', o seu 'visível', não lhe é intrínseco, mas sim (sobre)determinado pela formação discursiva a partir da qual o sujeito histórico a produz”.

A resistência aos padrões ditados pelo discurso da *Veja* aparece também marcada pelo *meme* - considerado nesta pesquisa como T9 – que representa o empoderamento feminino, pois levanta a

³⁵ Frida Kahlo: informações disponíveis em <http://itapemafm.clicrbs.com.br/saltoalto/2017/07/07/na-semana-de-aniversario-de-frida-kahlo-descubra-10-curiosidades-sobre-a-artista-mexicana/>, publicada em 07 de julho de 2017. Acesso em 08 de setembro de 2017.

³⁶ Citação de Frida Kahlo, extraída do *Blog Indumentária*, disponível em <http://www.bemparana.com.br/indumentaria/tentaram-calar-frida-pintura-refaz-auto-retrato-da-mexicana-a-enquadrando-a-padroes-de-beleza/>, publicado em 19 de novembro de 2013. Acesso em: 08 de setembro de 2017.

questão do feminismo por meio de uma imagem sensual da Mona Lisa, e dos enunciados “Bela, recatada e do lar?” e “Não sou obrigada”.

Desse modo, o efeito de sentido novamente se dá pela junção do verbal e do não-verbal, e é produzido pela posição-sujeito que contesta o modo como a mulher é retratada pela *Veja* e que se opõe ao que é dito na SDR. A imagem retrata uma Mona Lisa sexy/sensual, que mostra bem seu corpo através de decote, saia curta que deixa as pernas bem à mostra; uma mulher que fuma e, dessa forma, se distancia da retratada na pintura original - uma mulher com um sorriso tímido, expressão introspectiva, em uma pose discreta, vestida com uma roupa que cobre bem seu corpo.

Essa disparidade emerge como uma afronta ao modo como a mulher é retratada pela *Veja* e acaba produzindo o sentido oposto, ou seja, que remete à liberdade de escolha por parte da mulher em não ser obrigada a ser um modelo padrão de beleza ou de comportamento, nem de ter o lar como único lugar que lhe cabe ocupar.

Assim, em se tratando da imagem como texto, baseamo-nos em Ernst & Quevedo, que apontam que

ao discernirmos o objeto de uma troca social (no caso uma foto) de um objeto de discurso (cuja evidência é tecida no entrecruzamento de memórias), o gesto de leitura supõe um olhar que vá para bem além da superfície do texto. O gesto de leitura será uma produção historicizada, bem como o texto o é (ERNST & QUEVEDO, 2013, p. 284)

Em relação à interrogação, em *Bela, Recatada e do Lar?*, tal sinal de pontuação não deixa um espaço vazio, vago, para que o interlocutor o preencha, como acontece no T1 (*Bela, recatada e do lar, sim. Qual o problema?!),* mas sim é preenchido pelo próprio sujeito, que faz as vezes de interlocutor, ao responder “Não sou obrigada!”.

De acordo com Grantham (2009, p. 143), “o sentido construído pela interrogação não está apenas nesse sinal de pontuação, mas em todo o texto em que ela é empregada”.

Assim, no T9, é o todo (imagem-pergunta-resposta) que acaba por produzir o efeito de sentido que aponta para o deslocamento de sentido em relação ao que é produzido pela SDR, ou seja, compreendemos que é esse funcionamento de discurso, aliado à imagem, que nos leva a entender o efeito de sentido da resistência.

6.4.4 Sub-recorte 4 – Mulheres que vão à 'luta'!

No sub-recorte 4, o T10 (*Bela, Recatada e do Lar/imagem de mulheres na Guerra Civil Espanhola*), assim como o T11 (*Nem Bela, Nem Recatada, Nem do Lar. Bonita Mesmo, é Qualquer*

Mulher que se Levanta. E Luta) também produzem o efeito de sentido produzido da resistência (como nos textos 8 e 9), porém se dá de forma diferente, já que - neste sub-recorte 4 – remete à mulher que vai à luta, guerreira, que trabalha fora.

TEXTO 10



Fonte disponível em <<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2016/05/23/espanha-as-mulheres-e-a-resistencia-antifascista/>> Acesso em: 28 de agosto de 2017.

TEXTO 11



Fonte disponível em <<https://www.facebook.com/photo.phpfbid=1174006872648827&set=a.424641860918669.89213.100001185753932&type=3&theater>> Acesso em: 30 de novembro de 2016.

Iniciando a análise desse sub-recorte, destacamos dois textos (T10 e T11). Em ambos, a resistência se dá através dos discursos (re)significados e também do imagético, visto que o sentido produzido se dá no encontro entre o verbal e o não verbal, sentido este que se opõe ao produzido pela SDR, e cujo efeito remete à mulher que é engajada, guerreira, que vai à luta, que se impõe e vai em busca de seu espaço.

Em um primeiro momento, prestemos atenção ao T10. Nele, a imagem representada pelo *meme* é de mulheres que, durante a Guerra Espanhola, foram para a frente de batalha. De acordo com Miranda (2011)³⁷, por toda a história da humanidade as ideias de sexo frágil e a posição relacionada ao ambiente privado permeou toda a concepção da mulher. Já o homem, por pertencer a vida pública e política participava diretamente das guerras, pois sua função social era de garantir a sobrevivência e proteção da sua respectiva família. No início do século XX, essa segregação começa a mudar a partir do momento em que as mulheres se aproximaram das batalhas tanto direta quanto indiretamente. Um marco foi a Guerra Civil Espanhola, na qual as mulheres foram treinadas para o combate direto, o que as tornou essenciais para aquele momento infeliz da história da Espanha.

Dessa forma, percebemos que, apesar de o enunciado ser o mesmo, o efeito de sentido produzido é outro. Isso ocorre porque, de acordo com Pêcheux (1990, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo”, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. E é exatamente o que ocorre aqui entre o T10 e a SDR.

Assim, o efeito de sentido se dá pela junção do enunciado, no qual aparece em destaque “E DO LAR”, à imagem visual, representada por mulheres que lutam (na guerra) por um ideal, diferente da imagem de mulher apresentada pela revista *Veja*, através de Marcela Temer.

Destacamos Orlandi (2015, p. 30), quando a autora aponta que “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas 'nossas' palavras”; dessa forma, a todo momento usamos palavras que já foram ditas, mas isso não significa que o sentido será o mesmo todas as vezes que as utilizamos, pois no processo discursivo estão envolvidas, dentre outras coisas, a ideologia, a situação, a FD na qual a posição-sujeito está inscrita, e também elementos externos ao discurso, que ressoam e significam no discurso do sujeito. E é através desses elementos que reforçamos que no T10 o enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* está vinculado à imagem de mulheres armadas durante a guerra civil espanhola e, dessa forma, produz outro sentido, o da resistência.

Assim, através do imagético, e levando-se em conta a historicidade, buscamos compreender o

³⁷ Disponível em <http://temafeminismopolitico.blogspot.com.br/2015/03/a-participacao-das-mulheres-nas-guerras.html>. Acesso em: 05 de setembro de 2017.

T10 em sua discursividade, como produz sentido, daí considerarmos sua temporalidade, compreendida como uma relação com a exterioridade, tal como ela se inscreve no próprio texto e não como algo fora dele. Dessa forma, a memória discursiva é acionada e nos remete ao período da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), no qual as mulheres ocuparam postos nas fábricas, assumiram enfermarias e também foram para o *front*. Esse espaço (na guerra) era um (entre outros) ocupados por elas e foi um dos temas abordados pela revista *Mujeres Libres*³⁸ (Mulheres Livres).

Mujeres Libres foi centrada em artigos de conteúdo político e cultural, trazendo em suas páginas muito mais do que a mulher no papel simplesmente “do lar”, apesar de também abordar aspectos que se referem à maternidade e ao cuidado dos filhos, à educação, à saúde e à moda, não a restringiu ao ambiente doméstico. Dessa forma, depreendemos que essas mulheres eram determinadas e lutavam para conquistar seu espaço e o fato de o enunciado apresentar a locução adjetiva “do lar” em destaque, aponta exatamente que o lugar da mulher não é apenas no lar, pode ser onde ela desejar, inclusive na guerra, enfrentando e combatendo os soldados inimigos.

Semelhante ao que acontece no T10, no T11 o efeito de sentido produzido também é de resistência aos saberes da FD1, porém a imagem é representada não por mulheres na guerra, mas na fábrica. A posição-sujeito do T11 rompe com o sentido produzido pela *Veja* – que se dá através da SDR e que valoriza a mulher “do lar” (no sentido de não trabalhar fora), também o comportamento (através do recato) e dos cuidados com a aparência (ou seja, mostrando-se bela) – já que as mulheres representadas pelo T11 trabalham em fábricas, usam uniformes, que estão sujos (aparentemente sujos de graxa), algumas estão com os cabelos presos (de um modo meio desleixado, sem cuidado, nos dando a impressão de que não houve preocupação em parecer bonita, e sim, por segurança, para que não ficassem presos na máquina durante seu manuseio), enfim, a imagem retratada remete ao período da Revolução Industrial³⁹ que, ao incorporar o trabalho da mulher no mundo da fábrica, acabou separando-a do trabalho doméstico e aproximando-a do trabalho remunerado fora do lar.

Analisando o T11 (Nem Bela, Nem Recatada, Nem do Lar, Bonita Mesmo é Qualquer Mulher que se Levanta e Luta), compreendermos que o mesmo se dá pelo viés da negação e é constituído a partir de saberes de duas FDs antagônicas (FD1 e FD2) e, dessa forma, tal embate entre formações discursivas nos remeteu à noção de enunciado dividido, mobilizada por Courtine.

³⁸ *Mujeres Libres* (Mulheres Livres): disponível em <https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2016/05/18/espanha-lembrando-que-ha-80-anos-nasceu-a-revista-mujeres-libres-maio-de-1936/>. Acesso em: 10 de outubro de 2017.

³⁹ Revolução Industrial (conteúdo adaptado): o conteúdo na íntegra encontra-se disponível no blog Processo Industrial (<https://processo-industrial.blogspot.com.br/2009/11/mulher-no-mundo-industrial-working.html>), acessado em 10 de outubro de 2017.

Com relação ao enunciado, Cazarin destaca Courtine e aponta que este autor

define o enunciado como a forma ou esquema geral que governa a repetibilidade no seio de um conjunto de formulações e o domínio do saber de uma FD como o conjunto de elementos do saber e “princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações”, vindo operar com a divisão entre “o que pode e deve ser dito” e “o que não pode e não deve ser dito”, determinando a fronteira de uma FD. (CAZARIN, 1998, p. 59)

Da mesma forma, Cazarin, ao abordar sobre os enunciados contrastivos, aponta Courtine, e destaca que o objetivo deste autor é o de

mostrar que, na análise de seu funcionamento discursivo, as estruturas linguísticas de identificação estabelecem a fronteira entre diferentes domínios de saber, e é a esse tipo de enunciado, por sua forma de apresentação (por sua estrutura sintática), que ele denomina "enunciado dividido". (CAZARIN, 1998, p. 59)

A fim de expor como Courtine compreende o enunciado dividido e como tal enunciado se manifesta no sujeito, Cazarin destaca:

O enunciado dividido, para Courtine, se forma na contradição que liga os processos discursivos inerentes a duas FDs antagônicas e materializa linguisticamente essas contradições interdiscursivas sob a forma de expressões caracterizáveis pela não comutabilidade dos pré-construídos, materializando, assim, a fronteira entre esses domínios de saber. Em relação ao sujeito, o enunciado dividido manifesta a relação entre dois sujeitos antagônicos de saber, mas enquanto elemento de um desses saberes, representa a referência ao sujeito universal da FD (à forma-sujeito) e ao processo de formação do discurso e não à intencionalidade do sujeito. (CAZARIN, 1998, p. 59-60)

Cazarin (1998, p. 87), em sua dissertação que aborda sobre o discurso de Lula, aponta que o enunciado dividido emerge pelo viés da negação e afirma que é através do enunciado dividido que as diferentes marcas linguísticas evidenciam o confronto entre duas FDs. Esta autora destaca em sua pesquisa, dentre as pistas linguísticas, o confronto marcado por “...não é X... (mas) é y”, cujo marcador de negação é representado por “não”. Porém, em nossa análise, no T11, a negação ocorre pelo marcador de negação “nem” que, por sua vez, nega o discurso-outro (oriundo da FD1) evidenciando, desse modo, o antagonismo existente entre as duas FDs que compreendem essa pesquisa, ou seja, FD1 e FD2.

Em vista disso, já que os sujeitos da SDR e do T11 inscrevem-se em FDs antagônicas, e tendo marcada essa tensão através do texto que materializa linguisticamente essas contradições interdiscursivas, retomemos - para que fique mais clara a análise - a qual FD os processos discursivos estão ligados.

Vejamos:

FD1	SDR	Bela, Recatada e do Lar
FD2	T11	Bonita Mesmo é Qualquer Mulher que se Levanta e Luta

Assim, abaixo apresentamos o enunciado sob a forma de enunciado dividido, levando-se em conta que X representa o discurso próprio da FD1 e Y o discurso próprio da FD2.

E	X	Bela, Recatada e do Lar
	Y	Bonita Mesmo é Qualquer Mulher que se Levanta e Luta

Examinando o articulador discursivo “nem”, compreendemos que ele funciona como pista de que no interdiscurso, há um enunciado afirmativo próprio da FD1. O sujeito discursivo resgata o discurso-outro no interdiscurso e, dessa forma, insere-o no seu discurso através da negação e, assim, resultando em outro discurso, próprio de sua FD, ou seja, da FD2. Depreendemos então que, partindo do que é afirmado na FD1, o sujeito do discurso (da FD2) nega para em seguida afirmar e, desse modo, aparece outro enunciado que é agora introduzido por “...nem (3x)... frase afirmativa” e que procura refutar esse discurso-outro (próprio da FD1).

Observemos o que nos afirmam tais FDs e o que nos nega FD2.

O que afirma FD1	O que afirma FD2
Bela, Recatada e do Lar	Bonita Mesmo é Qualquer Mulher que se Levanta e Luta
	O que nega FD2
	Nem Bela, Nem Recatada e Nem do Lar

Se há a necessidade de negação, é porque houve primeiramente uma afirmação, ou seja, no T11, a posição-sujeito manifesta-se através da negação “Nem Bela, Nem Recatada e Nem do Lar” como forma de contestar o foi dito na FD1. Assim, depreendemos então que, partindo do que é afirmado na FD1, o sujeito do discurso nega para em seguida afirmar, e essa afirmação produz um efeito de sentido que apresenta uma outra posição-sujeito e que busca desqualificar o discurso-outro através da negação/afirmação e esse é o funcionamento discursivo do enunciado dividido, presente no T11 e analisado através da operação de negação “nem X, nem Y... nem Z, e sim K”.

Sendo assim, compreendemos que o discurso da FD1 atravessa transversalmente o discurso da FD2 via negação, remetendo-nos ao pré-construído que, segundo Indursky (2011, p. 70), é objeto

de uma “operação de apropriação que, através de um encaixe sintático, estabelece correferência entre o que é apropriado e encaixado no discurso do sujeito e o que aí já se encontrava formulado, produzindo o efeito de que aquele pré-construído foi produzido ali, no discurso do sujeito”.

Em síntese, o efeito de sentido produzido na análise dos dois textos (T10 e T11) é que nos mesmos nos é apresentado um outro conceito de beleza, no qual se admite que todas as mulheres são belas, já que o belo está vinculado à mulher que se impõe, que luta.

7 PRODUZINDO O EFEITO DE FECHAMENTO

Esta pesquisa teve como interesse analisar a repetição do enunciado *Bela, Recatada e “do Lar”* em discursos que emergiram após sua publicação na revista *Veja* em 18 de abril de 2016. A partir de nossas análises, constatamos que o *corpus*, constituído por textos que (re)produziram e (re)significaram tal enunciado, nos conduziu ao campo da paráfrase, desenvolvida por Grantham, e que é compreendida neste trabalho como o espaço que reúne (re)formulações de uma mesma matriz, na mesma FD ou em FD distinta.

Depreendemos também, com base no que destaca Grantham (2009, p. 269), que a “repetição – e a paráfrase – não significa apenas dizer a mesma coisa de uma outra forma (o que implicaria sempre a manutenção do sentido), (...) há repetição – e paráfrase – mesmo quando ocorrem os deslizamentos e as transformações do sentido”.

Desse modo, foram estabelecidos recortes formados pelas imagens e o efeito de sentido o qual produziram e, assim, embasamos nossa análise na divisão parafrástica desenvolvida por Grantham (2009) - paráfrase intradiscursiva, discursiva e interdiscursiva. Isto posto, pelo viés da repetição, observamos também a manutenção, o deslizamento e o deslocamento de sentido, as posições-sujeito e a formação discursiva (FD) em que se encontram inscritas.

Diante disso, no recorte 1, através dos textos 1 (*Bela, Recatada e do Lar, sim. Qual o problema?!*) e 2 (*Pelo direito da mulher também poder ser bela, recatada e do lar*), entendemos haver paráfrase intradiscursiva já que houve a manutenção do sentido produzido pela SDR, ou seja, tanto a SDR quanto os textos 1 e 2 produzem o efeito de sentido que remete à mulher bela, que se comporta de forma discreta, que não trabalha fora do lar – e aceita esse espaço como o lugar que lhe cabe ocupar; também porque há a identificação 'praticamente plena' da posição-sujeito com a forma-sujeito da FD1, isto é, estabeleceu-se na FD1 uma aliança entre a SDR e os textos 1 e 2.

Ainda em relação ao T1, ancorados em Grantham, constatamos que a interrogação expõe, no discurso, um ponto de interferência para o leitor, de que a interrogação marca também um lugar de interpretação. Dessa forma, entendemos que a interrogação usada em T1 marca, conforme destaca Grantham (2009, p. 141) “uma lacuna significativa, em que podem ser produzidos vários sentidos, porém (...) não qualquer sentido”. Sendo assim, em T1, a posição-sujeito – inscrita na FD1 – deixa vago este espaço de significação e, dessa forma, segundo aponta Grantham (2009, p. 141), “introduz uma injunção à resposta, da qual o interlocutor não tem como não responder”, já que tal pergunta é direcionada a ele - posição-sujeito da FD2 - que é quem critica o que é dito na FD1, ou melhor, oferece ao interlocutor a possibilidade de romper com o sentido estabelecido na SDR.

Entendemos que o sentido não é independente da linguagem, e sim efeito do encontro ideológico entre o dito e o não-dito, e que significa porque está inscrito na história e, através do pré-construído, ressoa no discurso do sujeito. Esse funcionamento que faz ressoar os sentidos se dá através da memória discursiva que, de acordo com Indursky (1997, p. 49), é a “permite relacionar o que é dito na sequência discursiva com o dizer de outros discursos”. Sendo assim, é a memória - atuando como algo que pré-existe ao discurso - que sustenta os sentidos produzidos.

Em se tratando do recorte 2 (constituído pelos textos 3 e 4), o T3 (*Bela, Recatada e do Lar*) produz o efeito de sentido que remete à mulher que é bela, recatada, mas que produz, trabalha fora (do lar); já no T4 (*Você pode substituir Bela, Recatada e do Lar por Bela, Empoderada e participativa da vida pública, por exemplo*), o sentido produzido nos remete à mulher bela, mas que não precisa ser recatada, e sim empoderada, e que pode trabalhar (fora do lar). Dessa forma, compreendemos que o sentido produzido pela SDR não é mantido, e sim desliza-se, já que aponta/sugere outro espaço – que não o lar - a ser ocupado pela mulher. Entendemos ter ocorrido o deslizamento e não o deslocamento pelo fato de a posição-sujeito apenas se contrair com a forma-sujeito que regula os saberes da FD1, não há o rompimento com a FD, ou seja, uma desidentificação por parte da posição-sujeito que a levasse a 'trocar' de FD, já que ela permanece inscrita na FD1.

Considerando o que nos aponta Cazarin (2010), que uma posição-sujeito não aciona o todo do interdiscurso, e sim aquilo que ela consegue recuperar em termos de memória discursiva, nos textos 3 e 4 - presentes no Recorte 2 - as posições-sujeito recuperam os saberes regulados pela forma-sujeito da FD1, porém, o sentido desliza, como numa tentativa de produzir outro sentido além do já estabilizado pela memória, não como forma de confronto, mas como um conflito que se instaura no interior da mesma FD (no caso, FD1). Assim, compreendemos ter havido entre a SDR e os textos que constituem esse recorte (T3 e T4), não uma ruptura, e sim uma contrair com a forma-sujeito que regula os saberes da FD1, não há o rompimento com a FD, ou seja, uma desidentificação por parte da posição-sujeito que a levasse a 'trocar' de FD, já que ela permanece inscrita na FD1.

Dessa maneira, entendemos que diferentes posições-sujeito no interior de mesma FD podem produzir distintos efeitos de sentido, sem romperem com o sentido dominante e sem mudarem de FD.

Com relação ao recorte 3, a repetição se deu pelo viés da paráfrase interdiscursiva, compreendida por nós quando há FDs antagônicas que se relacionam, e a não identificação da posição-sujeito. Nesse recorte, foram estabelecidos sub-recortes, pois levamos em conta o efeito de

sentido produzido pelos enunciados e pelas imagens que os constituíram, ou seja, no sub-recorte 1, composto pelo texto 5 (T5), Bela, recatada e dólar/imagem do casal Cunha e Cláudia, o efeito de sentido produzido remete à corrupção e se dá através da ironia. Isso ocorre porque o sujeito, partindo do que é instituído pelo enunciado Bela, Recatada e “do Lar”, acaba produzindo como efeito de sentido o escárnio. Dessa forma, há, no T5, o atravessamento do interdiscurso sobre o intradiscurso, revelando sentido antagônico e a inscrição do sujeito na FD2.

Semelhante ao que ocorre no sub-recorte 1, no sub-recorte 2, o sentido produzido pela SDR é rompido, dando lugar a outro, que o contradiz. Desse modo, a posição-sujeito se identifica com outra região do discurso, com outra FD (FD2) e com outras redes de formulações. Assim, neste sub-recorte, no texto 6 (T6), Bela, Recatada e do Bar/*Rosie the Riveter*, o sentido produzido é de que o bar é um espaço que a mulher também pode frequentar, assim como ocorre no texto 7 (T7), Bela, Desbocada e do Bar, cujo efeito de sentido produzido distancia-se do produzido pela SDR, já que no T7 a mulher é sensual, bebe, frequenta o bar, pode ser/é desbocada.

Já no sub-recorte 3, os textos 8 e 9 produzem o efeito de sentido de resistência ao que é produzido na FD1, sendo que no T8 tal sentido se dá quase que integralmente pela imagem, representada por Frida Kahlo nua, e no T9, há um antagonismo com relação à própria imagem da Mona Lisa, que se dá neste texto pela falta de recato com que é retratada.

Dessa maneira, nesta pesquisa, compreendemos a imagem enquanto texto, tendo em vista que é através dela que se tem acesso ao discurso. Assim, nos ancoramos em Ernst & Quevedo (2013, p. 269), quando os autores apontam que “a imagem, na condição de um efeito-texto, submete-se aos mesmos efeitos a que se submete o verbal” e é, portanto, passível de equívoco, opaca e tem apagadas as suas condições de produção.

Entendemos que o texto, em AD, não é apenas um objeto empírico, a preocupação maior não é com o começo, meio e fim, não há essa ideia de completude; ele é tratado como discurso e, dessa maneira, reinstaura-se a incompletude, que deve ser compreendida aqui em relação a algo que não se fecha, pois nessa acepção, nem o sujeito, nem o discurso, nem os sentidos são completos.

A resistência também está presente no sub-recorte 4 – que compõe os textos 10 (Bela, Recatada e do Lar/mulheres na Guerra Civil Espanhola) e 11 (Nem Bela, Nem Recatada, Nem do Lar, Bonita Mesmo é Qualquer Mulher que se Levanta e Luta) – e se dá através dos discursos (re)significados e também do imagético, cujo efeito de sentido produzido por ambos se opõe ao produzido pela SDR, e cujo efeito de sentido remete à mulher que é engajada, guerreira, que vai à luta, que se impõe e vai em busca de seu espaço.

Nesta dissertação, buscamos mostrar como se dá o enunciado dividido (Courtine, 2009, p. 191) - que tem como principal característica a “não comutabilidade de elementos em posição X e

Y” – e mostrar que houve a presença em T11 de dois enunciados distintos, antagônicos entre si, sendo X - *Bela, Recatada e do Lar*, e Y – *Bonita Mesmo é Qualquer Mulher que se Levanta e Luta*, ou seja, são discursos em confronto, convivendo no mesmo enunciado. Assim, entendemos ser possível que, em uma mesma materialidade linguística, linearizada no fio intradiscursivo, possam (co)existir enunciados pertencentes a formações discursivas antagônicas. Atestamos também haver, no Recorte 3, um confronto estabelecido entre FD1 e FD2.

A partir do que foi exposto, depreendemos que há, no interior da FD1, diferentes posições-sujeito que se relacionam ideologicamente de maneira distinta com a forma-sujeito que regula os saberes dessa FD. Isso se dá através da manutenção e do deslizamento. Já na FD2, há uma dispersão de sentidos, produzidos por diferentes posições-sujeito que – ainda assim - compartilham dos saberes regulados pela forma-sujeito da FD2.

Entendemos também que o sentido se dá na relação da língua com a história e, em nossa pesquisa, também na relação da imagem com a história e, para que isso ocorra, é necessário que a imagem já tenha sido produzida e, assim, possa ocorrer o processo de repetição e de produção de sentidos. Neste trabalho, a repetição ocorreu através da relação de parafraseagem enquanto uma relação entre discursos (interdiscursiva). Isso nos levou ao entendimento de que, se todo discurso é um já-dito, o discurso então é sempre repetido e, dessa forma, sempre parafraseado; logo, em toda relação interdiscursiva há a relação parafrástica na qual os já-ditos ressoam (re)significando.

Depreendemos que os sentidos produzidos nos textos analisados não ocorrem apenas por meio da manutenção e do deslizamento (caso em que as posições-sujeito pertencem a FD1), mas também através do deslocamento (cuja posição-sujeito inscreve na FD oposta, FD2) e a partir do imagético que, em nosso entendimento, imbrica-se à língua(gem) para a produção de determinados sentidos. Na consideração do sentido, destacamos Pêcheux (2007, p. 52), que aponta ser a memória discursiva “essencial para a prática da leitura e para a produção de sentidos, já que passado e presente se unem, tendo em vista que o passado atua como um fator crucial para a leitura do momento presente”. Nesse sentido, para ele (2007, 52), “a memória discursiva (re)estabelece os implícitos necessários para a prática da leitura”. Isto posto, as imagens analisadas neste trabalho significam a partir daquilo que já representaram, dos efeitos de sentido que já produziram nas vezes em que foram (re)atualizadas no intradiscorso.

Dessa forma, este trabalho procurou desfazer as aparentes evidências deixadas nos discursos pelos sujeitos que os produziram - interpelados pela ideologia e atravessados pelo inconsciente - e assim mostrar que através da relação de parafraseagem histórico-discursiva instaura-se a movência de sentidos.

8 REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CAZARIN, Ercília Ana. *Heterogeneidade discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L. I. Lula da Silva*. Ijuí, RS: Editora da UNIJUI, 1998. Série Dissertações de Mestrado.

_____. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. In: FERREIRA, Maria Cristina & INDURSKY, Freda (orgs). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007, pág. 109 – 122.

_____. *Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD*. In: Organon. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Organon, n.48, vol. 24 – jan-jun 2010, p. 103-118.

COSTA, Greiele Cristina. *Designação em Falcão – Meninos do Tráfico: modos de significar*. In: Revista Travessias ED 05 INSS 1982-5935. IEL/Unicamp. 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

ERNST, Aracy; QUEVEDO, Marchiori Quadrado de. *UMA mesma diferente imagem: que objeto é esse?*. Entretextos, Londrina, v. 13, n. 2, p. 266-287, jul/dez. 2013.

FERNANDES, Carolina. *Imagens em rede: a opacidade da imagem e a leitura polissêmica*. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org.) *Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em movimento*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 286.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GRANTHAM, Marilei Resmini. *O discurso fabular e sua repetição através dos tempos na reiteração do mesmo, a presença do diferente*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. *Da releitura à escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação*. Campinas: Editora RG, 2009.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, p. 173-186, 1999.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange, GRIGOLLETO, Evandra & CAZARIN, Ercília Ana. (orgs.) *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, p. 9-33, 2008.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda, MITTMANN, Solange, FERREIRA & Maria Cristina L. (orgs.) *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado das Letras, p. 67-89, 2011.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. Colaboradores Francisco de Assis Barbosa e Manuel da Cunha Pereira. Organização e supervisão Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000, p. 416.

MIRANDA, Francisco. *Mulheres na Segunda Guerra: O fim do sexo frágil*, 2011. Disponível em: <http://temafeminismopolitico.blogspot.com.br/2015/03/a-participacao-das-mulheres-nas-guerras.html>. Acesso em: 05 de setembro de 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Destruição e Construção do Sentido: um estudo da ironia*. Série Estudos, Faculdades Integradas de Uberaba, nº 12, 1986.

_____. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. Rev. aum. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1993.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. Campinas, *Revista Em Aberto*, nº 61, ano 14, Unicamp, p.53-59, 1994.

_____. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Análise de Discurso. In: LAGAZZI, Suzy & ORLANDI, Eni P. (orgs.) *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.) *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Campinas(SP): Editora da UNICAMP, p. 49-59, 2010.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. (et. al.). *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & CIA*. São Paulo: Ática, 2002.

SERRANI, Silvana. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. São Paulo, Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

TORRES, Iraildes Caldas. *As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e de poder*. São Paulo: Cortez, 2002.

REVISTA VEJA. Marcella Temer: bela, recatada e do lar. Disponível em <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em 13 de junho de 2016.

REFERÊNCIAS DAS FONTES

TEXTO 1 – Bela, Recatada e do Lar, sim. Qual o problema?!

Fonte disponível em <<http://www.virtuosascomestilo.com.br/2016/05/edificando-verdadeiramente-bela-recatada-do-lar.html>> Acesso em: 13 de junho de 2016.

TEXTO 2 - Pelo direito da mulher também poder ser Bela, Recatada e do Lar

Fonte disponível em <<http://bonitaadventista.com.br/do-lar-e-livre.html>>. Acesso em: 28 de setembro de 2017.

TEXTO 3 - Bela, Recatada e do Lab

Fonte disponível em <<http://piadasnerds.etc.br/bela-recatada-e-do-lab/>> Acesso em: 13 de junho de 2016

TEXTO 4 - Você pode substituir Bela, Recatada e do Lar por Bela, Empoderada e participativa da vida pública, por exemplo

Fonte disponível em <<http://arspublica.com.br/republica-do-estupro/>> Acesso em: 13 de junho de 2016.

TEXTO 5 - Bela, Recatada e Dólar

Fonte disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461175399_885009.html> Acesso em: 13 de junho de 2016.

TEXTO 6 - Bela, Recatada e do Bar

Fonte disponível em <https://mulpix.com/instagram/cerveza_beer_gelada_cerveja.html> Acesso em: 28 de agosto de 2017.

TEXTO 7 - Bela, Desbocada e do Bar

Fonte disponível em <<http://papelcraft.com.br/caderno-a4-180-fls-bela-desbocada-e-do-bar>> Acesso em: 08 de setembro de 2017.

TEXTO 8 - Bela, Recatada e do Lar/imagem de Frida Kahlo

Fonte disponível em: <<http://escrevendoomundounip.blogspot.com.br/2016/05/analise-de-discurso-artigo.html>> Acesso em: 08 de setembro de 2017.

TEXTO 9 - Bela, Recatada e do Lar? Não sou obrigada.

Fonte disponível em <<http://belasarcastica.blogspot.com.br/2016/04/revista-veja-marcela-temer-bela.html>> Acesso em: 30 de agosto de 2017.

TEXTO 10 - Bela, Recatada e do Lar/imagem de mulheres na Guerra Civil Espanhola

Fonte disponível em <<https://noticiasanarquistas.noblogs.org/post/2016/05/23/espanha-as-mulheres-e-a-resistencia-antifascista/>> Acesso em: 28 de agosto de 2017.

TEXTO 11 - Nem Bela, Nem Recatada, Nem do Lar. Bonita Mesmo, é Qualquer Mulher que se Levanta. E Luta.

Fonte disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1174006872648827&set=a.424641860918669.89213.100001185753932&type=3&theater>> Acesso em: 30 de novembro de 2016.